



LIVRO DE FILIPENSES

ALEGRIA VERDADEIRA

.....
SÉRIE INTIMIDADE COM A PALAVRA

ALCINDO ALMEIDA



LIVRO DE FILIPENSES

ALEGRIA VERDADEIRA

.....
SÉRIE INTIMIDADE COM A PALAVRA

Alcindo Almeida
São Paulo, maio de 2010



Fôlego

©

2010 Alcindo Almeida
Editora Fôlego
www.editorafolego.com.br

Editores
Emílio Fernandes Junior Rosana Espinosa Fernandes

Revisão
Paulo César de Oliveira
Capa
Magno Paganelli

1ª edição brasileira Maio de 2010

As citações bíblicas foram extraídas da *Almeida Revista e Atualizada (RA)*, salvo quando indicado.
Todos os grifos são do autor.

Todos os direitos são reservados a Editora Fôlego, não podendo a obra em questão ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio-eletrônico, mecânico, fotocópia, etc, sem a devida permissão dos responsáveis.

Dados de Catalogação na Publicação

Almeida, Alcindo

Flipenses, alegria verdadeira. Série Intimidade com a Palavra. Alcindo Almeida. São Paulo: Editora Fôlego, 2010.

ISBN 978-85-98862-69-9 1. Bíblia. 2. Espiritualidade. I. Título.

Sumário

[Agradecimentos, 5](#)

[Dedicatória, 7](#)

[Prefácio, 9](#)

[Introdução, 13](#)

[Contexto, 15](#)

[Esboço da Epístola aos Filipenses, 19](#)

[1. Uma vida de comunidade em oração e companheirismo, 21](#) [2. A vida de uma testemunha viva do evangelho de Cristo, 27](#) [3. Vivendo de modo digno do evangelho de Cristo, 33](#) [4. O amor fraternal deve ser com humildade total, 39](#) [5. Vivendo a salvação com temor e graça, 47](#)

[6. Confiando nas ações de Deus, 55](#)

[7. Diga não à murmuração, 63](#)

[8. Uma vida correta e séria diante de Deus, 71](#)

[9. Sejamos parceiros nas lutas e tristezas dos amigos, 81](#) [10. A autoestima na perspectiva bíblica, 91](#)

[11. Buscando o prêmio da soberana vocação em Cristo, 99](#) [12. Sendo imitadores de Cristo sempre, 105](#)

[13. O segredo da felicidade na vida espiritual, 119](#) [14. A alegria verdadeira na presença do Senhor, 125](#) [Referências bibliográficas, 131](#)

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a deus, que tem me dado forças e saúde para produzir na vida pastoral e pessoal. Ele tem me sustentado em todo o tempo!

Faço questão de agradecer à minha querida e amada esposa Erika de Araújo Taibo Almeida. Também aos meus pais, José João e Doralice Almeida, ao meu sogro, Nelson Taibo, e à minha sogra, Silvia Taibo, pelo apoio dado.

Ao amigo Glenio Fonseca Paranaguá, pelo precioso prefácio. Aos amigos Emilio e Rosana, da Editora Fôlego, por terem recebido com carinho o meu trabalho e assim editá-lo. *Alcindo Almeida*

Dedicatória

dedico este livro de maneira muito especial a uma amiga que marcou a minha vida através de sua amizade, companherismo e investimento, Vasti Almeida.

Prefácio

Filipenses é a carta mais vibrante e alegre do Novo Pacto.

Dezenove vezes aparecem os termos que definem esta disposição do coração satisfeito pelo Pão da Vida. Gozo, alegria, júbilo, contentamento, regozijo são palavras que buscam traduzir esta realidade espiritual procedente de Cristo. A verdadeira alegria é uma realidade espiritual divina, jamais um fenômeno natural.

O homem natural, isto é, alguém sem a vida de Cristo, tem muita necessidade de ser dono de uma vida feliz e a busca com todo empenho como seu alvo essencial. Mas ele não é um bemaventurado de verdade. Só uma pessoa inteira pode ser venturosa de fato. Uma vida esquizofrênica é o exato “samba do crioulo doido”.

Observe esse argumento físico: a bateria de um celular perde sua carga com o uso, e se não houver uma fonte de energia permanente para recarregá-lo, sua potência vai se apagando aos poucos até sumir por completo. Assim, a alegria que acaba no caixão é provisória demais para ser levada a sério.

O homem espiritual goza da verdadeira alegria porque ele a recebeu em sua vida ao aceitar a Cristo em seu espírito como a fonte eterna do contentamento. Mesmo quando ele passa pelo vale da sombra da morte não teme as adversidades, porque o manancial de sua felicidade é eterno e o seu autor é presente contínuo.

O pecado deixou o ser humano extremamente sombrio, ainda que viva entre sorrisos e risadas. No pecado ninguém consegue viver feliz de verdade. As pessoas podem até ser festeiras, mas não viverão plenamente contentes. A alegria das festas tem um tempo de validade limitado, gravado em seus rótulos. Por isso, a ressaca do dia seguinte exaure toda e qualquer expectativa de felicidade estável.

O hedonismo tem frustrado a raça adâmica com seus prazeres momentâneos e descartáveis. O divertimento recreia, porém não satisfaz o vazio existencial.

Há muita gente exuberante e agitada, com a agenda cheia, vivendo uma vida oca.

Paulo, o apóstolo da gentilha, da gentinha e dos gentios, é o tipo de uma espécie rara e em extinção. Ele fala do seu contentamento mesmo vivendo debaixo das pauladas. No laboratório de adoração onde desenvolveu esta expressão inigualável de regozijo, lá mesmo em Filipos, num cárcere, quando o chicote descia nos seus lombos, os louvores subiam dos seus lábios. Ele sabia muito bem que sofrimento e contentamento não se excluem mutuamente.

A cruz do Calvário havia feito marcas profundas em sua vida. Depois de uma experiência com Cristo crucificado, ressurreto e exaltado, Paulo sustentava que era um morto juntamente com Cristo na cruz e fazia questão de apresentar as cicatrizes de sua cocrucificação, levando, em seu corpo, diariamente, os efeitos subjetivos, mas eternos, do óbito de Jesus.

A alegria no cristianismo não significa a ausência de torturas, mas a presença viva daquele que foi torturado, mas é, de fato, o Todo-Poderoso preenchendo cada uma das carências da alma sofrida. Nenhuma eventualidade pode desmanchar o deleite espiritual na vida dos filhos de Aba, quando a fonte deste prazer for, sem dúvida, a prazerosa presença daquele que supre as nossas necessidades.

Alcindo foi muito feliz quando abordou as marcas da verdadeira alegria na elaboração desta obra. Não podia ser o contrário. Primeiro, porque ele foi beber na cacimba da alegria. Esta carta delicia qualquer peregrino exausto. Quando eu ando

Prefácio 11

meio jururu, então está na hora de saborear água fresca neste manadeiro da excelência gozosa. Assim, frequentemente, preciso retornar à meditação desta epístola recheada de regozijo para me restaurar.

Segundo, Alcindo é um discípulo desta escola jubilosa, evidenciando no seu estilo os traços de uma pessoa bem-aventurada. Não gosto de fazer elogios, porque eles são perigosos. Além do que a Bíblia afirma que os homens são

provados, exatamente, pelos elogios que recebem. Mesmo assim, e correndo este risco, não posso deixar de dizer que foi muito bom, para mim, o convívio que experimentei com o Rev. Alcindo.

Sou muito grato ao Senhor pela sua amizade e de sua família. Alguém disse que “amigo é aquele que se achega quando todo mundo se afasta”. Foi num tempo de quarentena que Alcindo aproximou-se de mim como amigo e companheiro de jornada rumo à Terra Prometida, ajudando-me com as suas sugestões preciosas de leitura e com o seu afeto de leitor criterioso.

Quem escreve precisa muito de leitores atilados com a tarefa de fazer análises sérias e críticas densas, a fim de ajudar o escritor a descomplicar o pensamento. Agradeço também a este amigo por ter prefaciado um dos meus livros, mesmo sabendo que estaria cruzando uma via perigosa de mão dupla.

Todavia, diz a linguagem popular: “o risco que corre o pau, corre o machado”. Se Alcindo foi temerário ao extremo aceitando prefaciar meu livro - *O crime da letra* -, foi ainda mais arriscado dar-me a chance de opinar sobre esta obra tão importante para a igreja brasileira nos dias atuais.

Meu caro, aqui estou assumindo com intensa alegria esta tão grande honra, ainda que um pouco preocupado com os reveses que você poderá sofrer com a minha assinatura nesta prefácio. Mesmo assim, “chumbo trocado não dói”.

Que o Senhor de toda graça e Deus da plenitude em alegria conceda aos leitores desta obra um estado de contentamento tal, que vibrem com a exuberância da carta aos crentes de Filipos e com os seus comentários apropriados na elaboração das Reflexões sobre a Epístola aos Filipenses.

Gloria Patri.

Glenio Fonseca Paranaguá

Mendigo padrão da Casa da Aba

Introdução

Este livro é um belo convite para aprendermos a lidar com o sofrimento que todos nós suportamos como a alegria e dependência de Deus. Na perspectiva de Paulo, o sofrimento requer certamente mais do que simples palavras, mesmo palavras espirituais. Frases eloquentes não podem aliviar nossa dor profunda, mas sempre encontramos algo especial que nos conduz através dos sofrimentos.

Ouvimos um convite nessa epístola de Paulo para deixar que nosso lamento transforme-se numa fonte de cura, que nossa tristeza torne-se uma passagem da dor à dança. Quem Jesus declarou que seria bem-aventurado? Aqueles que choram (Mateus 5.4).

Em Filipenses aprendemos a olhar nossas perdas de frente e não a fugir delas. O apóstolo Paulo, preso num lugar complicado, aceita sem repulsa as dores da vida e neste processo ele pode encontrar o inesperado e a verdadeira alegria em Deus¹.

Ao convidar Deus para participar das dificuldades Paulo fundamenta sua vida - até mesmo seus momentos tristes - em alegria e esperança. É exatamente no meio do sofrimento que Paulo percebe que existe um Pai eterno que cuida dele e o orienta em todo o seu caminhar.

Deus gerou um processo em que Paulo passou com alegrias e tristezas. Em Filipenses vemos uma verdade para o nosso coração: Deus não nos abandona nunca. Ele dirige, controla, cuida, ampara, mostra-nos o caminho a seguir, ampara-nos no meio das angústias e tribulações da vida. Ele nos sustenta no meio do sofrimento dando-nos do seu consolo e conforto para enfrentarmos tudo.

Entremos neste livro e descubramos as alegrias na presença de Deus e não nos preocupemos diante da luta diária porque o Senhor cuida de cada detalhe da nossa vida dando-nos da sua alegria e paz constantes!

¹ NOWEN, Henri. *Transforma meu pranto em dança*. São Paulo: Textus, 2002, p. xv.

Contexto

a primeira menção Que o Novo Testamento faz de Filipos encontra-se em Atos 16.12. Nesse texto lemos que se tratava de uma importante cidade da Macedônia, no norte da Grécia, “primeira do distrito e colônia”, evidentemente romana. Seu nome primitivo havia sido Krênides, que significa “lugar das fontes”, mas em 360 a.C. o pai de Alexandre Magno, o rei Filipe II da Macedônia, quando conquistou a cidade, trocou-o pelo seu próprio nome.

Filipos estava situada sobre a célebre “Via Egnatia”, que ligava Roma com a Ásia Menor. Elevava-se a uns 12 quilômetros da costa norte do mar Egeu, junto ao limite da região macedônica com a da Trácia.

Submetida a Roma desde o ano 167 a.C., a partir de 31 a.C., com a categoria de colônia e por regulamentação de César Otávio Augusto, gozou dos privilégios e direitos que as leis do império outorgavam às cidades romanas.

A igreja de Filipos

A Epístola aos Filipenses, junto com a dirigida a Filemom, é a mais pessoal das que possuímos do apóstolo Paulo. É também o testemunho de um sentimento de alegria e de mútua gratidão: de Paulo para com os filipenses, que o haviam socorrido em momentos muito difíceis para ele; e dos filipenses para com Paulo, agradecidos pelo trabalho que havia realizado entre eles. Desde os primeiros contatos até a redação desta carta haviam se passado vários anos. Aqueles encontros iniciais, que deram origem a um estreito relacionamento fraternal (Fp 1.3-8; 4.1), ocorreram durante a segunda viagem missionária de Paulo, depois de ele ter percorrido o interior da Ásia Menor, desde a Cilícia, situada a sudeste da península, até Trôade, situada a noroeste. Em Trôade, acompanhado de Silas, Timóteo e seguramente também de Lucas, Paulo embarcou rumo a Neápolis, porto do norte da Grécia. Dali se dirigiu a Filipos, onde não se deteve muito tempo, ainda que o suficiente para fundar uma igreja, a primeira nascida em solo europeu.

Essa comunidade cristã era formada, na sua maior parte, por pessoas que haviam passado do paganismo ao judaísmo (ver o exemplo do caso de Lídia

de Tiatira - At 16.14-15), as quais se reuniam para o culto fora da cidade, junto ao rio, onde estava o seu “lugar de oração” (At 16.13).

Lugar e data de redação

Não há unidade de opinião sobre o lugar e a data em que Paulo escreveu a carta. Há aqueles que opinam que ele a enviou de uma prisão em Éfeso, o que permitiria apontar como data provável os anos 54 e 55.

Nesse caso a carta teria, como de fato tem, um marcante caráter de agradecimento aos cristãos de Filipos, os quais, ao saber da prisão do apóstolo, haviam decidido mandar-lhe alguns auxílios como expressão de amor e solidariedade fraternal (4.18). Mas se a menção à “guarda pretoriana” (1.13) for interpretada como uma referência ao palácio imperial, poderia ter maior apoio a hipótese que localiza a prisão em Roma (At 28.16-31). Nesse caso, a carta teria sido escrita nessa cidade no ano 63.

Conteúdo e estrutura

A epístola não tem uma clara estrutura doutrinária. Mais parece responder a fortes sentimentos pessoais do que ao propósito de oferecer um texto bem-planejado e teologicamente articulado.

Contexto 17

Não obstante, há nela profundos pensamentos junto a conselhos e ensinamentos práticos para a vida dos cristãos e para a marcha da igreja em conjunto.

Desde a ação de graças inicial (1.3-11), duas notas predominam na epístola: a alegria que caracteriza uma fé madura e o amor de Paulo pela igreja de Filipos. Essas notas são, sem dúvida, uma bela lição de esperança, repartida pelo autor em meio às penalidades físicas e morais da sua prisão.

O corpo principal da carta (1.12 - 4.20) transcorre entre um prólogo cheio de expressões entranháveis (1.1-11) e um epílogo revelador da generosidade dos filipenses (4.21-23). O texto desenvolve-se em uma variada sucessão de temas e motivos de reflexão:

a) 1.12-26: Paulo dá testemunho de que até mesmo a prisão oferece oportunidades de anunciar o evangelho (1.12-14). E reflete sobre o seu

ministério apostólico, ao qual continuará consagrado “quer pela vida, quer pela morte” (1.20), enquanto não chegar a hora “de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (1.23). Porque para ele “o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (1.21).

b) 1.27 - 2.18: Esta passagem contém uma declaração fundamental da fé cristã: um hino (2.5-11) dedicado ao Filho de Deus preexistente e eterno, Cristo Jesus: Ele, “subsistindo em forma de Deus... tornando-se em semelhança de homens... a si mesmo se humilhou... até a morte e morte de cruz”. Pela sua obediência, “Deus o exaltou sobremaneira”, para ser reconhecido e adorado universalmente como Senhor. c) 2.19-30: Segue uma referência pessoal a Timóteo e Epafrodito, colaboradores do apóstolo. Ao primeiro, espera enviar logo a Filipos (2.19), e sobre o segundo explica o porquê de tê-lo enviado já (2.25-30). Além do mais, ele também acredita estar logo em condições de visitar os crentes da cidade (1.19; 2.24).

d) 3.1-4.1: Faz também uma enérgica chamada de atenção à presença em Filipos de “muitos... que são inimigos da cruz de Cristo” (3.18). Parece certo de que também haviam chegado alguns mestres judaizantes à Macedônia que, com a sua insistência em manter vigente a lei de Moisés e especialmente a prática da circuncisão, perturbavam a fé dos cristãos de origem gentílica.

e) 4.2-9: A alegria da salvação há de ser uma constante na vida do cristão (4.4). Paulo exorta os crentes a confiar plenamente no Senhor, que está perto (4.5), e a pensar e atuar de maneira sempre digna de louvor (4.8).

f) 4.10-20: Insiste em manifestar seu agradecimento pela solicitude com que os filipenses o haviam atendido em diversas ocasiões, em momentos de tribulação, quando outros pareciam ter se esquecido dele (4.15).

Alguns supõem que originalmente foram duas as cartas de Paulo à igreja de Filipos, depois reunidas em uma, porque na estrutura atual da carta tem-se observado, em certas passagens, uma brusca ruptura da conclusão de ideias: 2.19; 3.1b-21; 4.2 e 4.10.

O certo é que o texto da carta é caracteristicamente paulino, tanto do ponto de vista estilístico como de vocabulário².

2 SHEDD, Russel. *Alegrai-vos no Senhor*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 11.

Esboço da Epístola aos Filipenses

Introdução - 1.1-11 Salvação - 1.1-2

Ação de graças - 1.3-8 Oração - 1.9-11

I . Circunstâncias da prisão de Paulo (1.12-26) Contribuíram para o avanço do evangelho - 1.12-18 Garantiram as bênçãos - 1.19-21 Criaram um dilema para Paulo - 1.22-26

II . Exortações (1.27-2.18)

Vida digna do evangelho - 1.27-2.4

Reproduzir a mente de Cristo - 2.5-11

Cultivar a vida espiritual - 2.12-13

Cessar com murmúrios e questionamentos - 2.14-18

III . Recomendações e planos para os companheiros de Paulo (2.19-30)

Timóteo - 2.19-24

Epafrodito - 2.25-30

IV. Advertências contra o erro (3.1-21) Contra os judaizantes - 3.1-6

Contra o sensualismo - 3.17-21

Conclusão - 4.1-23

Apelos finais - 4.1-9

Reconhecimento das dádivas dos filipenses - 4.10-20 Saudações - 4.21-22

Bênção - 4.23

Capítulo 1

Uma vida de comunidade em oração e companheirismo (Filipenses 1.1-11)

a igreja tem de ser o lugar da simplicidade, da oração e do evangelho de Jesus de Nazaré. É sobre isso que Paulo fala para nós nesse texto.

Sabemos que Paulo está preso em Roma, e com um desejo muito grande de cuidado para com a igreja de Filipos ele escreve sobre várias questões importantes para o desenvolvimento dessa igreja tão amada.

Mesmo preso diante de 9.000 guardas, ele dá graças a Deus pela oportunidade de pregar o evangelho. Mas ele se preocupa em falar algumas coisas para essa colônia de cristãos romanos. Ali era um ponto de muitas histórias: a cidade foi conquistada por Alexandre, o Grande; lá Otávio tornou-se o grande imperador Augusto; lá ele derrotou Antônio e Cleópatra; a maioria dos seus habitantes era de romanos, por isso havia poucos judeus³.

Paulo faz questão de trazer princípios para este grupo de cristãos e muita gratidão a Deus pela vida dele. Quais as lições que Paulo traz neste texto?

Devemos interceder uns pelos outros no evangelho

Paulo afirma nos versículos 2 a 5: “... graça e paz a vós outros,

da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora”.

Paulo, mesmo preso, tem o desejo de escrever saudando essa amada igreja com a graça e a paz do Senhor Jesus Cristo. E faz algo que nós estamos perdendo em alguns momentos na relação eclesial. Ele diz que dá graças a Deus todas as vezes que se lembra da igreja. Ele agradece ao Senhor pela existência do povo dele. Na prisão, sob o cuidado de guardas ao seu redor, por algum motivo especial Paulo dá graças a Deus pela igreja de Filipos. No

seu coração havia a preocupação de agradecer a Deus pelos irmãos.

Como ele fazia isto?

1. Fazendo sempre súplicas nas orações por todos;
2. Com alegria pela cooperação a favor do evangelho. Paulo orava pelos irmãos com súplicas e sempre por todos. Ele orava com alegria e regozijo no coração por saber que havia cooperação no evangelho vinda daquela igreja. E por isso, mesmo no cárcere, ele orava, intercedia pelos irmãos.

E nós hoje, como igreja, levamos a sério a oração em favor do nosso irmão? Oramos com súplicas, com gratidão pela vida do outro? Com alegria de ver o irmão sendo bênção no evangelho? A atitude de orar cria a abertura para que Deus derrame da sua graça em termos de comunhão na igreja. A pessoa que não faz isso diante de Deus é como uma criança com asma, que lhe falta o ar e daí o mundo murcha diante de si.

Uma pessoa que não ora pelo seu próximo arrasta-se num canto ofegante e entra em agonia absoluta⁴ (NOUWEN, 1999, p. 37). Mas um homem, uma mulher, uma criança, um idoso que oram podem respirar a graça de Deus de maneira profunda e eficaz. Podem cultivar esta mesma alegria de Paulo em interceder pelo outro.

Deus cumprirá todos os propósitos na nossa vida Paulo afirma no versículo 6: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus”.

Vivemos num tempo de sonhos despedaçados. Vivemos num tempo em que a nossa alma precisa ser preenchida diante de tantas tristezas. Vivemos com anseios e não conseguimos lidar com o sofrimento das perdas de amigos, parentes, filhos, pais, mães e outros queridos. Vivemos o conflito da oração para que a cirurgia do câncer do pai seja um sucesso.

Oramos para que a nossa depressão passe logo e tenhamos condições de prosseguir com a vida de maneira tranquila⁵. Vivemos uma tensão diante das coisas tristes que nos acontecem. E diante delas temos este versículo profundo e desafiador para a vida espiritual.

Podemos ter a plena certeza de que aquele que começou a boa obra aperfeiçoá-la-á até o dia de Cristo Jesus. Não seremos abandonados diante da perda dos sonhos, das decepções, das tristezas e pesares da vida. Deus tem

um plano a cumprir até o dia de Cristo.

Os sonhos despedaçados são necessários para o nosso crescimento espiritual e para sabermos que há um lapidar de Deus em nós.

Há um trabalho, uma meta de Deus para o nosso crescimento na vida cristã. Paulo afirma esta verdade com promessa numa prisão. Ele sabe, tem a certeza de que não está só. Está convencido, está certo de que o Deus que começou a obra da regeneração no seu coração, antes de pedra, seco e rebelde, aperfeiçoará esse mesmo coração agora de carne até o dia de Cristo.

Paulo sabia que era obra de Deus e que essa boa obra seria aperfeiçoada. Ou seja, hoje somos regenerados, mas a conclusão desta obra dar-se-á no dia de Cristo. É a tensão do já e ainda não.

Já somos salvos, mas ainda não foi consumada a salvação porque o nosso corpo ainda não foi totalmente transformado pela ressurreição de Cristo. Por isso, Paulo afirma até o dia de Cristo apelando para a segunda vinda d'Ele⁶.

O consolo para o nosso coração é que vale a pena continuar a caminhada porque Deus está lapidando, trabalhando em nós para a sua própria glória. Quando temos a desesperança na vida, podemos ter a certeza de que isso é o movimento inicial do ritmo na esperança num Deus que começou uma obra, um plano em nossa vida e há de terminá-lo, completá-lo no dia de Cristo.

Viva em função desta promessa para que você não desfaleça na vida, para que não desanime na caminhada cristã. Olhe para a vida de Abraão como exemplo dos propósitos de Deus serem cumpridos no tempo d'Ele. Ele não imaginava que pudesse ser pai aos 100 anos de idade e até tentou dar uma solução junto com Sara. E veio Ismael. Mas o propósito eterno era Isaque, era do jeito d'Ele. Ele prometeu que da descendência de Abraão viria uma grande nação e cumpriria.

Não tenhamos pressa, creiamos somente. Nós temos muita impaciência para ver os propósitos de Deus sendo cumpridos em nossa vida. Insistimos em colher os cereais antes de crescerem. Queremos ver flores antes da primavera e frutas antes do outono⁷. E quando não encontramos os frutos ficamos desgostosos e decepcionados com Deus. Creia nesta verdade com promessa:

“Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus”.

Devemos nos amar e andar juntos na causa do Reino de Deus

Paulo afirma nos versículos 9 a 11: “E também faço esta oração:

que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus”.

Mesmo preso ele deseja algo para a vida da igreja que ele ama de maneira profunda. Ele deseja que ela se ame. Porque se houvesse essa prática, para ela o evangelho faria sentido absoluto.

Ele exorta para que esse amor aumente em conhecimento e em todo o discernimento, percepção. Ele deseja que a igreja de Filipos exceda em amor com pleno conhecimento e percepção.

Conhecimento e percepção aqui são dois itens que fortalecem o amor. O conhecimento tem a ver com as realidades espirituais do cristianismo e a percepção tem a ver com o entendimento do significado do amor no cristianismo⁸.

Veja como esse desejo de Paulo é pertinente para nós hoje. Como precisamos olhar para o nosso próximo com amor e graça. Um amor que faz colocar o próximo no nosso coração (v. 7). Um amor que nos faz participar com o próximo da graça de Deus (v. 7b). Um amor que gera saudades, como vemos no versículo oito.

Precisamos rogar ao Espírito para que aumente cada dia esse amor no conhecimento e percepção de Deus. Paulo não ora por um amor medido de maneira matemática, mas ora por um amor dinâmico e relacional para a vida dos cristãos de Filipos⁹.

Precisamos desse amor que traz resultados profundos para a nossa vida em comunidade. Só um coração repleto de amor consegue aprender a unidade de amor com conhecimento e percepção divina, pois Deus nos vê como uma

mesma família e morando numa mesma casa, a casa dos seus eleitos. E a cada dia Ele quer que essa percepção em nós aumente.

Por meio do seu Filho amado, por meio da sua morte, Ele abre os nossos olhos para receber a graça de amarmos juntos e nos pertencer à zelosa adoção do amor perfeito d'Ele em nós¹⁰.

Quanto mais orarmos uns pelos outros descobrimos o verdadeiro sentido do amor de Deus em nosso coração como comunidade¹¹.

Quais são os resultados de uma comunidade que se ama mais e mais?

1. Ela é aprovada nas coisas excelentes: são as boas obras na presença de Deus. É o cumprimento do Sermão do Monte.
2. Ela se torna sincera, pura e sem tropeços: é uma comunidade que vive correndo do pecado e luta pela dignidade do evangelho de Jesus Cristo.
3. Ela fica cheia do fruto da justiça que vem do próprio Deus: com certeza é o fruto do Espírito na vida diária dessa comunidade. Então, ela ama, perdoa, edifica, nutre fé, compartilha paciência, é longânime para com os seus. Ela é justa, correta, honesta, simples e verdadeira em todo o momento.
4. Ela carrega a glória de Deus na vida: ela é o próprio reflexo da glória de Deus aqui na Terra. Que a graça do Pai venha sobre nós para que sejamos uma comunidade que ora, que ama mais e mais para que sejamos aprovados e a glória de Deus manifeste-se através de nós!

3. SHEDD, Russel. Op. cit., p. 11.

4. NOUWEN, Henri. *Oração - Como é e como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

5. CRABB, Larry. *Sonhos despedaçados*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 45.

6. CHAMPLIN, R. N. *Comentário de Filipenses*. São Paulo: Candeia, 1995, p. 9. vol. 5.

7. CRABB, Larry. Op. cit., p. 71.

8. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 11.

9. Idem, ibidem.

10. Idem.

11. NOUWEN, Henri. *Oração...city*, p.38.

Capítulo 2

A vida de uma testemunha viva do Evangelho de Cristo (Filipenses 1.12-26)

um artinho luterano disse Que a igreja que prega a doutrina da justificação, salvação e a redenção em Cristo está em pé e a igreja que não prega já caiu. Essa é uma frase para refletirmos se estamos levando a sério o fato de sermos testemunhas do evangelho da graça em qualquer momento da nossa vida.

A Bíblia diz que somos embaixadores do Reino de Deus, aqueles que pregam a reconciliação que Cristo traz através do seu sacrifício na cruz do Calvário. Está sobre nós a responsabilidade de pregar todos os dias. Deus nos designou para essa missão excelente e eficaz. Paulo entende essa missão e mesmo na prisão anuncia o evangelho com prazer e graça.

Em Filipenses 1.12-26 Paulo traz alguns princípios importantes para a vida:

Devemos pregar Cristo seja qual for o momento Paulo afirma nos versículos 12 a 18: “Quero ainda, irmãos, certificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus. Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei”.

Paulo escreve as palavras de Cristo no seu viver quando ele está na cadeia. Ele prega o evangelho de Cristo num momento de prisão. E quando pensamos neste processo não imaginamos como alguém prega quando está na cadeia. Até se prega o evangelho, mas a sensação é de tristeza por estar preso e ainda mais por uma causa injusta.

Veja que Paulo afirma que as coisas que lhe aconteceram ajudaram, de fato, o

progresso do evangelho. Porque ele diz que toda a guarda do palácio do governador e todas as outras pessoas daquele local ficaram sabendo que estava na cadeia e que era servo de Cristo.

Ele quer dizer que mesmo no meio da perseguição que ele e os cristãos sofriam o evangelho estava na mente e no coração das pessoas. Ele entendia que o evangelho teria vitória final e que a verdade de Cristo não poderia ser destruída.

Então ele fala com alegria sobre a realidade de estar preso no meio de vários soldados romanos, que ouviriam a experiência da sua vida no evangelho de Jesus Cristo. Ele vê as dificuldades como uma ponte para falar da alegria de servir a Cristo. Ele usa o sofrimento para anunciar as verdades de Jesus Cristo¹².

Ele não reclama, mas prega; ele não chora, mas alegra-se por poder pregar sobre aquele que mudou a sua história. E nós hoje? Temos pregado o evangelho mesmo no meio das crises? Nunca devemos deixar de nos lembrar de que a nossa missão é proclamar o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e dá vida aos homens. E vida com sentido, cossentida, na integridade e integração e direção.

Como discípulos de Cristo, seja na tristeza, em meio aos problemas e crises devemos anunciar a segunda vinda de Cristo, devemos anunciar o sentido da história¹³.

Na cadeia ele dizia que tinha mais confiança no Senhor. Ele sabia do propósito de Deus na sua vida. Ele sabia que haveria progresso naquele momento em que enfrentava a prisão. O evangelho cresceria e se tornaria conhecido diante de toda a guarda pretoriana.

Havia alguns que anunciavam Cristo porque eram ciumentos e briguentos. Mas Paulo dizia que outros anunciavam com boas intenções, faziam por amor, pois sabiam que Deus lhes dera o trabalho de defender o evangelho. Outros não anunciavam Cristo com sinceridade, mas por interesse pessoal. Eles pensavam que aumentariam os sofrimentos de Paulo enquanto estava na cadeia. Porém ele dizia de coração: “Isso não tem importância”. O que importava para ele é que Cristo era anunciado, seja por maus ou por bons motivos. E ele afirma: “... também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei”.

Através do exemplo de Paulo, Cristo nos capacita a viver acima da nossa circunstância. Paulo vive esta realidade louvando a Deus. Sua prisão serve para promover a pregação do evangelho da graça de Deus. Ele evangeliza os

seus guardadores (guarda pretoriana).

Paulo regozija-se na prisão por pregar o evangelho. Ele não é alguém amargurado diante de Deus porque está preso. Ao contrário, ele faz disso uma oportunidade de ganhar pessoas para o evangelho de Cristo.

No meio das crises devemos ter Cristo no centro da vida

Paulo afirma nos versículos 19 a 26: “Porque estou certo de que

isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne. E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé, a fim de que aumente, quanto a mim, o motivo de vos gloriardes em Cristo Jesus, pela minha presença, de novo, convosco”.

Quando lemos o texto percebemos claramente que Jesus é o centro da vida de Paulo. As palavras “porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” são semelhantes àquelas de Gálatas 2.19b-20: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim (...) que me amou e a si mesmo se entregou por mim”. Cristo era o centro absoluto da vida de Paulo, por isso era um lucro certo partir dessa vida.

Olhando para a nossa vida percebemos que, ao seguir Jesus e nos entrosarmos na nova vida de salvação, somos frequentemente tentados, por uma série de seduções, a negar, evitar ou até mesmo menosprezar Jesus Cristo no cotidiano.

Paulo faz do momento de prisão uma declaração porque o que ele desejava na vida era ver Jesus. O sentido da sua existência era Jesus de Nazaré. Por isso ele dizia aos gálatas que ele levava no seu corpo as marcas de Cristo.

Saibamos que quando Cristo é Senhor da nossa vida o nosso agir é diferente diante das dificuldades da vida. Precisamos conscientizar-nos de que Jesus está no centro do nosso coração.

Paulo tinha essa consciência e assim pôde afirmar que o morrer é lucro. Mas entendia que se o propósito de Deus era que ele ficasse na Terra, ele continuaria pregando e ajudando naquilo que era necessário para a pregação do evangelho.

Finalizando, há alguns elementos preciosos por vivermos com Cristo no centro da vida:

1. Ele se torna a nossa maior e melhor motivação. Só pensamos em dar glória a Ele por nossa vida;
2. Temos razões nobres para viver, seja num tempo rápido ou longo nessa vida. Não nos importamos com nada, só com a ideia de cultivar Cristo no coração;
3. Experimentamos cada vez mais a plenitude de Deus em nosso interior.

Que o Senhor nos dê a graça de termos Cristo no centro e anunciarmos o seu evangelho todos os dias da nossa vida.

12. SHEDD, Russel. Op. cit., p. 32.

13. PETERSON, Eugene. *Transpondo muralhas*. Rio de Janeiro: Danprewan, 2003, p. 14.

Capítulo 3

Vivendo de modo digno do evangelho de Cristo (Filipenses 1.27-30)

Thomas de Kempis disse: “Jesus tem muitos seguidores que desejam consolo, mas poucos que suportam a aflição. Ele encontra muitos querendo compartilhar suas refeições, mas poucos que participam do seu jejum. Todos querem ser felizes ao lado dele, poucos desejam sofrer com e por ele. Muitos o seguem para o partir do pão, mas poucos desejam beber do cálice do seu sofrimento. Muitos reverenciam seus milagres, poucos se identificam com a vergonha da sua cruz. Jesus tem sempre muitos seguidores que amam o Reino Celestial, mas muito poucos que carregam e vivem a sua cruz”¹⁴.

A igreja tem de ser o lugar da vida digna da cruz de Jesus de Nazaré e é sobre isso que Paulo nos fala nesse texto. Ele apresenta nesta seção as características da vida cristã e para isso usa como exemplo vivo Jesus Cristo. Ele é o exemplo supremo da vida dedicada ao evangelho¹⁵.

Paulo apresenta esta parte mostrando que as aflições e perseguições que os cristãos viam nele também poderiam ser a experiência deles. Porque nenhum cristão está isento do sofrimento, pois ele já havia dito para Timóteo que todos que querem viver piedosamente sofrerão e serão perseguidos.

Ele também apresenta uma expectativa na sua vida: viver o evangelho de Jesus Cristo todo dia. Ele quer pregar o evangelho e vivê-lo em todos os momentos.

Quais as lições que Paulo traz neste texto?

Devemos viver o evangelho de maneira íntegra e honesta

Paulo afirma no versículo 27: “Vivei, acima de tudo, por

modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica...”

Ele exorta essa comunidade para que, estando ou não preso, com condições ou não de vê-la, ela viva de modo íntegro e verdadeiro o evangelho de Jesus Cristo. Surge para nós uma pergunta: o que é viver de modo digno, íntegro e verdadeiro o evangelho de Jesus Cristo?

O convite de Paulo é para que ela viva como cidadã digna de algo que defende e prega. Esta razão é o evangelho. Então Paulo exorta para que os cristãos de Filipos vivam como cidadãos que habitam na Terra, mas com um comportamento do céu. São habitantes do Reino de Deus no meio de uma civilização corrompida e distante dos princípios da Palavra de Deus. O que é viver de modo digno, íntegro e verdadeiro o evangelho de Jesus Cristo?

É viver em obediência à Palavra de Deus

A Bíblia diz que somos embaixadores do Reino de Deus. O embaixador representa a sua nação com os princípios dela. Nós representamos Cristo na Terra e temos a incumbência de viver os ensinamentos do Reino através da obediência.

O convite de Paulo é para que vivamos um discipulado de testemunho mediante a nossa própria vida e experiência. E isso vem através da obediência aos ensinamentos da Palavra de Deus.

O convite é para que não sejamos parasitas na vida espiritual, mas sejamos homens e mulheres envolvidos na obediência de Deuteronômio 6.2-5, que diz: "... para que temas ao SENHOR, teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados. Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o SENHOR, Deus de teus pais. Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força".

Viver de modo digno é obedecer à voz de Deus no nosso coração, é voltar o coração para a Palavra de Deus. Isso nos faz pessoas de caráter, pessoas íntegras. Não pessoas sem moral, que mentem, que falam de forma má umas das outras. Não pessoas que vivem no meio do calote, que são uma vergonha para a sociedade. O convite é para que vivamos algo diferente, e esse algo é o evangelho de Cristo, o evangelho que é o poder de Deus para salvação de pecadores. E eles chegarão ao conhecimento do Reino de Deus olhando a

nossa vida, através do nosso testemunho. Como está a nossa vida? Como está a maneira como lidamos com as verdades da Palavra de Deus? Lembre-se do que Tiago nos afirma: “Tornaivos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes”. Para agradarmos a Deus e vivermos o evangelho de modo digno não basta ouvir, ouvir e ouvir a Palavra. Porque muitas vezes o que ouvimos entra por um ouvido e sai pelo outro, e nada acontece de extraordinário na nossa vida.

A Palavra ensina que devemos estar prontos para ouvir. Ouvimos isso, mas não colocamos em prática. Ouvimos que temos de ser obedientes, mas temos falado coisas terríveis para as nossas esposas, amigos e irmãos. Temos nos irado facilmente como tolos, temos praticado ações que não condizem com o modo digno do evangelho.

Não podemos ser apenas ouvintes da Palavra, temos de praticá-la no nosso interior. Os judeus conheciam a Torá de cor e salteado, ouviam capítulos e mais capítulos na sinagoga, mas alguns só ouviam e não a colocavam em prática.

Não sejamos apenas ouvintes da Palavra, mas sobretudo praticantes dela no nosso coração, através do nosso relacionamento com Jesus, que é o cerne da nossa vida espiritual¹⁶.

É viver em unidade na presença de Deus

Paulo diz que a igreja deveria permanecer firme num só espírito, combatendo juntamente com uma só alma pela fé do evangelho. Uma das maneiras de Deus apresentar o evangelho ao homem é através do exercício da unidade de sua igreja. A igreja de Atos crescia na medida em que Deus usava a comunhão dela. Eles tinham tudo em comum: pão, casa e dinheiro.

O texto de Atos 2 afirma que eles caíam na graça de todo o povo. Por que hoje temos tanto medo de nos expor diante das pessoas? Por que temos tanto medo de viver em comunidade? Por que temos medo de nos relacionar?

Veja o convite de Paulo para a igreja de Filipos. É para lutar a causa do Reino de maneira unida. É para estar firme num só espírito com uma só alma. A luta é pelo conjunto das verdades da Palavra de Deus e não por aquilo que eu acho ou que eu quero que se realize na igreja. Não, a luta é pela fé evangélica. Então desfrutamos de comunhão para o Reino, abrimo-nos na comunidade, investimos o nosso tempo e coração na comunidade pela luta da fé evangélica. Não estamos aqui para medir forças uns com os outros. Estamos aqui para vivermos de modo digno o evangelho de Jesus lutando

pela mesma causa: o conjunto de verdade da Palavra de Deus. Por que temos medo de viver juntos nessa causa?

1. Medo de rejeição: como as pessoas sofrem desse medo. Só que na causa de Cristo não há espaço para rejeição, e sim para a aceitação¹⁷.

2. Medo de quebra de confiança: quando as pessoas não obedecem aos preceitos da Palavra de Deus, a falsidade cerca o ambiente, mas quando há vida digna e séria no evangelho, acontece liberdade e confiança. E daí uma comunidade começa a lutar unida e com sinceridade pela fé evangélica. 3. Medo de manipulação: uma das coisas que têm atrapalhado a unidade é a fofoca, o diz que diz. Tudo isso gera manipulação e interesses pessoais na vida da igreja. Quando o foco é o evangelho, não precisamos nos preocupar com manipulação, pois sabemos que todo o mover vem de Deus. Suspendemos o julgamento e passamos a lutar pela fé e não pelo egoísmo e indiferença. A igreja não é lugar para diminuirmos as pessoas, para vermos a falsidade reinar, nem vermos a manipulação de interesses pessoais. A igreja é o grupo chamado para viver de alma e coração o conjunto de verdades da Palavra de Deus.

Viver o evangelho de maneira íntegra gera sofrimento

Paulo afirma nos versículos 29 e 30: “Porque vos foi concedida

a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele, pois tendes o mesmo combate que vistes em mim e, ainda agora, ouvis que é o meu”. Por que viver de maneira digna gera sofrimento? Porque as trevas odeiam a luz.

É simplesmente por isso que os verdadeiros discípulos de Cristo, quando vivem de maneira séria e íntegra, sofrem e sofrem muito. Os cristãos da época sofriam demais a ponto de perderem a própria vida. Paulo mostra o seu próprio exemplo aos filipenses.

Em 2 Coríntios 4.7-12 ele fala sobre o sofrimento dele e dos demais irmãos que serviram ao Senhor com muito sofrimento: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos

sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida”.

Temos exemplos de homens e mulheres de Deus que padeceram pelo evangelho. Homens como Estevão, que foi apedrejado. Homens como o profeta Jeremias, que foi jogado num poço de lama e lá comia pão com água. Jesus é o exemplo máximo de sofrimento por causa do evangelho, por isso Ele diz que quem quer ir a Ele deve sofrer e sofrer muito. Deve morrer para si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo todo dia. Devemos aprender que a perseguição no evangelho purifica-nos e nos desafia a sermos fiéis diante de Deus.

O sofrimento é algo que enriquece o valor do evangelho em nós. Deve gerar alegria no nosso coração quando sofremos por causa da santidade, por causa da honestidade, por causa da busca pela vida de moral e integridade.

Não podemos viver um evangelho de rosas, que possui uma graça barata que nega os verdadeiros princípios da Bíblia, um evangelho que pode tudo. Paulo diz que aqueles que querem viver piedosamente sofrerão perseguições. E quando convida Timóteo para ser um exemplo, afirma: “Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus” (2 Tm 2.3).

A graça é algo caro demais, que custou sofrimento, dor e angústia. Então o evangelho é de renúncia todo dia: renúncia da mente profana que quer nos levar para os desejos sexuais ilícitos; do ódio que muitas vezes nos faz querer derrubar o nosso chefe, o nosso vizinho, o nosso governador; da falta de amor que muitas vezes nos impede de perdoar o nosso irmão que nos ofendeu.

Quero finalizar dizendo as palavras de Matthew Fox: “Não existe feliz páscoa sem sexta-feira da paixão”¹⁸.

14. KEMPIS, Tomas de. *A imitação de Cristo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 88.

15 CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 21.

16. NOUWEN, Henri. *Oração...* cit., p. 172.

17. RABEY, Lois & Steve. *Lado a lado - um manual de discipulado*. Rio de Janeiro: Textus, 2004, p. 266.

18. RABEY, Lois & Steve. Op. cit., p. 53.

Capítulo 4

O amor fraternal deve ser com humildade total (Filipenses 2.1-11)

a igreja tem de ser o lugar, o lugar onde não precisamos ter medo de ser felizes. A igreja tem de ser o lugar onde não precisamos ter medo de rir, chorar, abraçar, sonhar¹⁹.

A igreja tem de ser o lugar onde podemos descansar o nosso coração aflito e pesaroso. A igreja tem de ser o lugar do afago, do acolhimento e do amor. A igreja tem de ser o lugar da simplicidade e do caminho para a cruz de Jesus de Nazaré.

“Nouwen foi a primeira pessoa que vi usar a expressão ‘mobilidade descendente’. Em um artigo de 1981, publicado na *Sojourners*, Nouwen escreveu contra a incontrolável busca pelo prestígio, pelo poder e pela ambição - em outras palavras, a mobilidade ascendente - tão característica da cultura americana. ‘O grande paradoxo que as Escrituras nos revelam é que liberdade real e total só pode ser alcançada por meio da mobilidade descendente. A Palavra de Deus veio a nós e viveu entre nós como um escravo. O jeito divino é realmente o caminho para baixo’”²⁰. É sobre isso que Paulo fala para nós nesse texto.

Paulo está preso em Roma, e com um desejo muito grande de cuidado para com a igreja de Filipos ele escreve sobre várias questões importantes para o desenvolvimento dessa igreja tão amada. E um ponto que Paulo visa para ela é a busca por preservar a unidade tendo como exemplo maior aquele que se humilhou a si mesmo em favor do seu povo, o nosso Senhor Jesus Cristo.

Paulo ensina à igreja que ela deve viver em busca da unidade imitando o exemplo que é Cristo Jesus.

Em primeiro lugar a igreja deve:

Possuir o mesmo pensamento, amor, unidade e sentimento

Paulo afirma para os filipenses que se há alguma exortação

em Cristo Jesus, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há terno afeto e misericórdia, então que completassem a sua alegria.

Paulo está lembrando a questão que sempre envolve a igreja de que há pessoas que não estão preocupadas com a comunhão verdadeira do povo de Deus. Por isso, ele conclama aqueles que de fato aceitam a exortação de Cristo, receberam uma união vital no corpo de Cristo, têm consolo de amor no coração, têm uma comunhão com o Espírito Santo, recebem do Senhor afeto e misericórdia. Só na vida destes é que Paulo veria a sua alegria.

Alegria resultante de vê-los tendo o mesmo pensamento, amor, unidade e sentimento. Paulo mostra para os filipenses que se eles cultivam esses princípios no coração, então deveriam provar tamanha gratidão por tudo isso²¹ amando os irmãos com um coração totalmente desprendido. E esse amor deveria ser com um mesmo pensamento, amor, unidade e sentimento.

É impossível vivermos no presente século como igreja sem a realidade de amor, unidade e sentimento. E temos de entender que a unidade é um caminho a ser percorrido pela graça de Deus, somente pela graça de Deus. Pois o amor está entrelaçado com nossas emoções e vontade de modo que, frequentemente, no processo de nos doarmos em amor, também passamos para frente muito do lixo de nossa vida interior e histórias pessoais²².

Por exemplo, cada vez mais o amor tem trazido desilusão para aqueles que foram criados em lares desfeitos. Daí, quando a Bíblia diz que temos de amar com o mesmo pensamento, amor, unidade e sentimento, isso traz um desconforto enorme porque a realidade em casa era de cada um por si, o pai sem afeto, sem carinho para com a mãe. Para outros o amor tem um tom de violência, pois foram criados com espancamento, murros, tapas e humilhações. Outros foram criados pelos pais para viverem sós, jamais com os outros. Então olham para esse texto e dentro do coração possuem uma grande dificuldade de viver com o outro, de buscar a unidade.

Temos de pedir a graça de Deus na nossa vida para vencermos as barreiras que impedem a relação com o próximo em unidade, amor, sentimento e pensamento. Se nos tornarmos céticos em relação ao amor, também nos tornaremos céticos quanto à nossa própria humanidade. Perder o amor significa perder a nossa humanidade.

O amor é o ponto de contato entre o humano e o divino. É esse amor que Deus coloca em nós por meio da sua graça especial, que nos move a vencer os obstáculos que foram criados desde a nossa infância e, assim, prossigamos na caminhada do amor, da unidade²³.

O que precisamos fazer é pedir para que o Senhor mexa no fundo do nosso coração, pois é lá que está o símbolo do amor. Se ele está impulsionado pelo amor, viverá em função da unidade, da busca pelo mesmo sentimento e pensamento. No entanto, se o símbolo do coração é o ódio, então o orgulho, a indiferença e a soberba virão em primeiro lugar e atrapalharão a ideia divina de unidade.

A nossa sociedade está num caos total, a vida se esvai, a busca pelo individualismo é marcante e angustiante, o conceito da vida é viver para si mesmo e os outros “que se explodam”. Só que o princípio da Palavra é a da vida, e vida significa comunhão, esta que existe a partir de Deus, é Ele que a revela.

Só experimentamos generosidade, unidade, afeto, sentimento, gratidão, alegria e amor através da comunhão. E é essa comunhão, esse viver em unidade, que me ajudará a derrubar todos os meus pré-conceitos, todo o meu egoísmo e indiferença para com o próximo²⁴. E me fará amar com unidade, com o desejo de pensar a mesma coisa que o meu próximo, de possuir o mesmo sentimento em Cristo Jesus com ele.

Em segundo lugar a igreja deve:

Fazer tudo com humildade, sem partidarismo Paulo diz no versículo 3:

“Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”.

Nós nos relacionamos com as pessoas em termos contratuais e não relacionais. O termo contratual conduz o nosso coração para as regras. E essa relação é dura, insensível e egoísta. Ela gera partidarismo, gera individualismo. Essa relação mata, pisa no amor. O amor passa a ser algo condicional. Se o irmão não me ofender, então eu não o maltratarei, terei um contrato com ele.

Quando agimos assim, damos vazão para aquilo que vem do coração, egoísmo, orgulho, vanglória. Daí passamos a fazer as coisas para o nosso

próprio louvor, para o nosso próprio ego.

Só que quando, pela graça de Deus, damos vazão para a relação da aliança, a humildade invade o nosso interior. Daí passamos a fazer as coisas não por regras, mas por amor. Cultivamos no coração a humildade, a simplicidade, a generosidade de coração. Passamos a olhar não para baixo de nós, e sim para o nosso lado. O outro passa a ser igual a mim, ou melhor, para a glória de Deus.

Vejo Deus no outro, e isso promove simplicidade no meu interior. Olho para as conquistas do meu irmão como graça de Deus. Essas coisas são sérias e precisamos cultivá-las para que a humildade seja uma realidade no nosso dia a dia.

Em terceiro lugar a igreja deve:

Buscar a felicidade do outro

Paulo diz no versículo 4: “Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros”.

A aliança de Deus conosco nos impulsiona a não buscar a nossa própria felicidade, mas a do outro. A aliança supera as perspectivas narcisistas e nos conduz ao amor paciente, sofredor, verdadeiro²⁵, um amor que visa o outro e não nós em primeiro lugar. Quando visamos a felicidade do outro, oramos por ele, intercedemos por ele, buscamos o melhor para ele.

Quando buscamos a felicidade do nosso próximo, conseqüentemente abrimos mão do egoísmo que por vezes predomina no coração e abrimos espaço para a humildade e simplicidade.

Em quarto lugar a igreja deve:

Ter o Senhor Jesus Cristo como modelo de todas estas atitudes

Paulo diz a partir do versículo 5: “Tende em vós o mesmo

sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da

terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.

Vivemos dias em que a busca pelo poder é marcante e angustiante. As pessoas buscam todos os dias um meio de alcançar glória e status. Só que diante de tudo isso aprendemos com Deus que Ele revela a sua glória voltando-se para a simplicidade. É o Deus da glória, das riquezas e de todo poder voltando-se para aquilo que é simples, pequeno; o Deus de glória volta-se para baixo. E se queremos realmente ver a glória de Deus, precisamos caminhar com Jesus para baixo.

Esta é a razão mais profunda de viver em função da cruz e não de nós mesmos. Se queremos ver a unidade sendo marca profunda da nossa igreja, se queremos viver com amor, mesmo sentimento e pensamento. Se quisermos ter humildade e buscar a felicidade do outro sem medidas, sem vanglória, sem egoísmo, sigamos o exemplo do nosso Senhor.

Paulo mostra que o caminho de Jesus era o da humildade. Jesus escolhe, deseja o caminho da humildade. Ele não aparece com grande ostentação, como um poderoso salvador, anunciando e determinando novas ordens.

É difícil entendermos esta trajetória de Jesus, mas é ela que Ele segue, despojando-se da sua própria glória como o Deus Filho para ser o Jesus de Nazaré. Jesus segue o caminho da discipulação e da pequenez em nome da humildade no seu ministério²⁶.

Conosco a coisa parece ser um pouco diferente, pois vivemos em busca do espetacular, vivemos em busca do sucesso. Precisamos de reconhecimento na vida para que nos afirmemos como pessoas. Jamais as pessoas podem perceber que somos irrelevantes e que não podemos oferecer muita coisa para os outros.

Veja que as tentações são para que sejamos significativos, sejamos espetaculares, mostremos para os outros que somos alguma coisa. Só que com Jesus não era assim. Ele preferia estar onde não precisasse aparecer. Ele aparecia como o servo sofredor, como aquele que se humilhou a si mesmo, despojou-se de glória para que pudéssemos ter vida na sua presença.

Nesta condição de humildade e renúncia Jesus foi até a cruz em nosso lugar de maneira obediente, e o preço pago no Calvário resultou na glória do Pai na sua vida. Todo joelho se dobrará diante de Jesus, toda língua confessará que Ele, o servo sofredor, é o grande Deus. Precisamos aprender que o caminho do cristão não é o caminho da autoafirmação; este caminho é para o mundo.

O caminho do cristão é o descendente, que termina na cruz. Esse é o verdadeiro caminho que nos conduz a uma alegria perene, a uma paz que o mundo não pode ter. Esse caminho, que imita o nosso mestre, resulta na glória de Deus na nossa vida. E quando isso acontece, a unidade prevalece e a humildade passa a ser algo vivencial para uma comunidade.

A felicidade é o rumo dela. Assim, ela anuncia um evangelho sadio, um evangelho de impacto e amor.

Termino com algumas frases absolutamente profundas sobre a cruz de nosso Senhor Jesus. Essas frases são de um amigo, pastor Glenio Fonseca Paranaquá, que escreveu um livro maravilhoso sobre a cruz de Cristo:

“Não há cruz macia nem crucificação light.”

“A cruz não é um tapa-buraco.”

“A morte de Jesus foi o golpe mais extraordinário no império do pecado e da morte.”

“A cruz é o fórum da restauração de nossa história com a glória de Deus.”

“A cruz onde Cristo foi pregado é a minha cruz.”

“A morte de Cristo significa a minha morte.”

“Discípulos honrados, mas não crucificados, são uma tragédia.”

“Sem as marcas da cruz não se pode seguir a Cristo.”

“A cruz é o atestado de óbito do miserável pecador.”

“O outeiro do Calvário é o centro do propósito de Deus.”²⁷

Que a graça do Senhor caia sobre nós para que sejamos uma comunidade de amor, de unidade, imitando todos os dias o nosso Senhor Jesus, que se deu na cruz para que tivéssemos vida, e vida em comunidade!

19. NOUWEN, Henri. *Fontes de vida*. São Paulo: Vozes, 1996, p. 21.

20. YANCEY, Philip. *Alma sobrevivente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 321-322.

21. HENDRICKSEN, William. *Comentário no livro de Filipenses*. São Paulo: CEP, 1992, p. 130-131.

22. HOUSTON, James. *A fome da alma*. São Paulo: Abba Press, 1999, p. 102.
23. Idem, *ibidem*, p. 104.
24. BARBOSA, Ricardo. *Janelas para a vida*. Curitiba: Encontro, 1999, p. 17-18.
25. Idem, *ibidem*, p. 16.
26. NOUWEN, Henri. *Oração...* cit., p. 141.
27. PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *Cruz-credo! O credo da cruz*. Londrina: Ide, 2001.

Capítulo 5

Vivendo a salvação com temor e graça

(Filipenses 2.12)

Seguir Cr i s t o não é um convite que pode ser respondido com um mero levantar de mão em cruzadas evangelísticas.

Na realidade, é o gesto de uma sucessão benéfica que inclui: apertar a mão de irmãos, lavar os pés dos santos, enxugar lágrimas de aflitos, dar água e pão aos pobres, curar as feridas dos flagelados, impor as mãos sobre os doentes ou uni-las em oração e prece. Se este for o processo, então aquele gesto foi válido. No entanto, se não propiciar tal fluxo de vida e sucessão de atos, não passou de coreografia de trabalho religioso, ilusão para os servos da idolatria estatística e fantasia para os que pretendem povoar o céu a partir da graça barata.

Seguir Jesus não é ser modelado dentro do apertado terreno dos condicionamentos psicológicos, culturais e religiosos dos nossos guetos evangélicos. Discipulado também não é apenas vida moral e social ajustada. Como dizia Caio Fábio: “O discipulado está no nível do extraordinário”²⁸. Seguir Jesus extrapola os melhores hábitos. É ir tão mais além que desajuste os certinhos e desinstale os irremovíveis e plantados no seguro terreno da vida acomodada.

Ser discípulo é ter tanto a disciplina quanto a criatividade das ondas do mar. Disciplina porque as ondas são ordenadas e têm princípios. Criatividade porque elas existem dentro de uma dinâmica: cada onda é diferente da outra. Neste sentido, seguir Jesus é obedecer a princípios imutáveis²⁹. Um discípulo, ao mesmo tempo em que vive obediente a

Deus, descobre a pessoa dinâmica que deve ser na perspectiva do temor e tremor diante desse Deus santo e reto. É sobre isso que Paulo fala no texto.

No meio de uma corrupção total, Paulo faz questão de mostrar para a igreja de Filipos que ela deve bilhar como estrela, apegada ao evangelho de Jesus. Ele diz para a igreja que foi este o fruto que seu trabalho ali almejou³⁰. Ele

expressa a sua alegria por tudo o que Deus fez na vida daquela igreja e conclama a todos os filipenses a se alegrarem com ele, mesmo que venha a morrer como mártir do evangelho de Cristo.

Paulo mostra para a igreja que a relevância dela é através da obediência a Cristo. E para obedecer a Cristo é necessária uma palavra comum, mas muito séria: obediência. Assim, vejamos que princípio Paulo nos mostra no texto.

Desenvolvamos a nossa salvação com temor e tremor diante de Deus

Paulo afirma no versículo 12: “Assim, meus caríssimos, vós que

sempre fostes obedientes, trabalhai na vossa salvação com temor e tremor, não só como quando eu estava entre vós, mas muito mais agora na minha ausência” (Bíblia de Jerusalém); “Portanto, meus queridos amigos, vocês que me obedeceram sempre quando eu estava aí, devem me obedecer muito mais agora que estou ausente. Continuem trabalhando com respeito e temor a Deus para completar a salvação de vocês” (NVI).

Ele faz questão de mencionar que os filipenses obedeceram ao evangelho na sua presença e afirma que devem obedecer muito mais agora que ele está ausente. E diz que eles devem continuar trabalhando com respeito e temor a Deus para completar a salvação deles.

É interessante vermos que o termo obediência no grego é “ouvir”. Obedecer é ouvir a Palavra de Deus. É ouvi-la com todo o coração, isso em Cristo Jesus. Ela é o recado de Deus para a nossa salvação se desenvolver.

O termo no grego para desenvolver é “viver”, é seguir e crescer na obediência. Há também a ideia de se aperfeiçoar no amor a Deus pelo fato de Ele ter nos salvo das trevas para a sua maravilhosa luz. Como precisamos levar a sério a salvação que recebemos do eterno Deus. Somos chamados para andar em obediência diante de Deus.

Somos convidados a ouvir a voz de Deus na Bíblia e assim vivermos com esse temor e tremor diante daquele que nos ama e nos chamou para o seu Reino. Mas percebemos que há um problema sério em nosso interior. A queda de Adão afetou mais do que só o nosso comportamento.

O todo da nossa humanidade foi corrompido. Nossos corpos foram estragados e corrompidos por completo diante de Deus. Hoje sofremos fraquezas e doenças. Nenhum de nossos sentidos escapa dos efeitos do pecado, tanto na mente como no aspecto espiritual. Mais importante ainda, o pecado afeta de maneira profunda a nossa mente.

Os teólogos discutem o que chamam de efeitos noéticos do pecado. A palavra noético tem sua raiz na palavra grega que significa “mente” (*nous*). Por causa dos efeitos do pecado, nenhuma pessoa pensa tão clara ou acertadamente quanto pensaria sem a influência do pecado. Como escreve o apóstolo Paulo: “... tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tomaram-se loucos...” (Rom 1.21-22).

Embora nossa mente tenha sido obscurecida, não foi destruída. Ainda temos a capacidade de pensar. E pela graça de Deus podemos ser movidos a obedecer a Deus e andar no processo de vida espiritual com temor e tremor.

Diante de uma realidade pecaminosa que aflige a nossa consciência, necessitamos desse temor na caminhada. O convite de Paulo é para que desenvolvamos o caminho da salvação através de uma vida de obediência com fé, temor e tremor diante do nosso Deus.

Como podemos ter essa vida de obediência com fé, temor e tremor diante de Deus?

Dedicando a vida a Jesus Cristo

Este é um passo fundamental para quem quer ter uma vida de fé e obediência diante de Deus. Quando nos tornamos cristãos, o Espírito Santo entra em nós e nos capacita para viver de uma maneira que Cristo reflita em nós.

O Espírito ajuda-nos a fazer a vontade de Deus em nosso coração. Viver é muito perigoso, já dizia Guimarães Rosa.

Viver na presença de Jesus, imitando seu caráter, é um grande desafio e um perigo enorme, porque é viver na contramão. É encontrar os olhos de Deus no mais profundo de nossa consciência e ter a certeza de que não desperdiçamos o maravilhoso presente chamado vida na presença d’Ele.

Uma pergunta que fica para nós é: quantos almejam deixar no solo da história

as pegadas do evangelho de Jesus Cristo? Se queremos deixar marcas como Paulo deixou é imprescindível dedicar a vida diante de Jesus Cristo. Você me pergunta: como dedicar a vida a Jesus?

Fugindo do pecado - Sabemos que pecado é qualquer pensamento ou palavra que contraria a vontade e querer de Deus em nossa vida. O pecado sempre inibirá o nosso crescimento diante de Deus. A nossa vida espiritual será sempre um verdadeiro fracasso se o pecado dominar a nossa caminhada. A salvação desenvolve-se com temor, fé, obediência e tremor diante do Deus santo e reto. Quando pecamos, negamos a nossa fé, somos desobedientes e demonstramos que não temos reverência e temor de Deus. Logo, não há nenhuma dedicação da vida a Jesus Cristo. Quando eu minto para minha família, estou em pecado. Quando odeio alguém, estou pecando e não reflito o temor de Deus. Quando tenho relações sexuais com minha namorada antes do casamento, estou defraudando a sua moral e sendo um hipócrita diante daquele que me ensina a ser santo em todos os detalhes.

Honrando o nome de cristão Honrar a Cristo é ser como Paulo, que dedicava tanto sua vida a Ele que dizia trazer no seu corpo as marcas de Cristo. Honramos a Cristo quando o nosso caráter reflete minimamente a pessoa d'Ele. Seremos capazes de realizar o sentido de cada momento da vida quando cada momento de nossa vida for vivido em harmonia com Deus, o fundamento pessoal de todas as coisas. Precisamos saber que Jesus Cristo é o modelo de vivência integrada em Deus, por isso a imitação de Cristo é o caminho para a harmonia com Deus. Harmonia com Deus é honrá-lo em tudo que somos e fazemos.

Livrando-se da preguiça espiritual

A nossa peregrinação não é apenas psíquica e emocional, mas também essencialmente espiritual. Não é necessária para uns poucos traumatizados por experiências circunstanciais, mas sim uma tarefa imprescindível a todo ser humano rumo ao máximo de suas possibilidades como ser criado à imagem e semelhança de Deus.

O ser humano é um peregrino, e a tradição de espiritualidade é o melhor mapa que encontramos. Viver é caminhar, como diz Henri Nouwen.

A vida faz sentido quando conseguimos extrair o sentido de cada momento, cada *kairós* - cada dia. O sentido da vida está em viver uma vida espiritual

verdadeira e íntima com Deus. Mas não um viver qualquer. Um viver qualquer é mera existência, suceder de dias. Há um jeito de viver e esse jeito de viver está embutido em cada ser humano em duas dimensões. A primeira é universal, a *imago Dei* (imagem de Deus), matriz divina da qual todos somos herdeiros. A segunda é singular, pois cada ser humano é um original. A capacidade de viver um momento de cada vez, expressando a *imago Dei* por meio da singularidade, é o que chamamos viver uma espiritualidade com propósito. É aí que encontramos a felicidade na presença de Deus.

O grande problema é que somos preguiçosos espirituais. Pessoas que não querem refletir Deus através da oração e meditação das Escrituras. Há preguiça no meio do povo de Deus.

Os cristãos de hoje querem ouvir bons sermões, querem ter um tempo de louvor agradável no final de semana, mas quando voltam para casa vivem como se Deus não existisse. O reflexo da imagem de Deus na vida é uma lástima. Porque não oram, não leem a Bíblia. Então, como fugir da preguiça espiritual?

Sendo verdadeiramente um discípulo nos mínimos detalhes da vida cristã

- Devemos separar um tempo para Deus e escolher momentos para estarmos a sós com Ele. Os discípulos eram reconhecidos pelo fato de se parecerem com Jesus. Eles falavam como Jesus, essa era a impressão das autoridades no livro de Atos. O texto afirma: "... sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus" (At 4.13). Sabemos que não é algo fácil ter um tempo reservado em meio a uma tecnologia que nos consome cada vez mais. Como seremos discípulos se não conhecemos o nosso mestre? A Bíblia afirma que só conhecemos Jesus através do exame das Escrituras. E sendo sinceros, não temos sido bons discípulos neste sentido. Ser discípulo é respirar Cristo em todos os momentos da vida. É fazer o que Ele fazia. Basta lermos o Sermão do Monte e veremos que estamos distantes do discipulado de Jesus Cristo.

Sendo visionário rumo ao crescimento espiritual - Essa busca de crescimento espiritual é algo incessante. Crescemos em maturidade como crescemos no exercício físico. Se nos alimentamos podemos crescer³¹. Não podemos ficar parados no tempo.

Vejamos algumas dicas para esse crescimento espiritual: 1. Ouça reflexões bíblicas em casa e no carro;

2. Veja DVDs de palestras e pensamentos cristãos; 3. Participe de cursos que

nos ensinam a refletir e estudar as Escrituras;

4. Comece a memorizar as Escrituras. Leia o livro de Provérbios e repita alguns versículos durante o dia;

5. Leia no mínimo dois capítulos da Bíblia por dia. No final da semana terá lido 14 capítulos;

6. Leia literaturas cristãs que edificam;

7. Reserve pelo menos cinco minutos por dia para um tempo de oração e contemplação de Deus.

Que a graça de Deus seja sobre nós para que vivamos desta

maneira!

28. D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Seguir a Jesus: o mais fascinante projeto de vida*. Rio de Janeiro: Vinde, 1990, p. 7.

29. Idem, *ibidem*, p. 9.

30. WEINGARTNER, Lindolfo. *Em diálogo com a Bíblia*. Curitiba: Encontro, 1992, p. 59.

31. GEORGE, Jim. *Um homem segundo o coração de Deus*. São Paulo: United Press, 2005, p. 38.

Capítulo 6

Confiando nas ações de Deus

(Filipenses 2.13)

Os homens e m u l h e r e s segundo o coração de deus têm traços

de caráter sério e comprometido com a oração e trabalho no Reino de Deus. Um homem e uma mulher segundo o coração de Deus são aqueles que anseiam por agradar a Deus, aqueles que possuem um coração que obedece³². O texto de Atos 13.22 afirma que Davi fazia a vontade de Deus porque tinha um coração voltado para Ele.

Quando olhamos para o servo de Deus chamado Paulo, percebemos que é um homem que possui uma visão do coração voltado para Deus. E uma visão requer iniciativa, e no Reino de Deus temos de fazer tudo com todas as nossas forças.

Uma visão requer integridade, isto é, viver uma vida pautada pela fé, lembrando-se de que Deus nos julga pelos valores do coração, os valores invisíveis, do fundo do nosso ser.

Veja que Paulo, na sua trajetória de obedecer a Deus, sempre nos convida para refletir sobre a supremacia de Deus na vida e sobre todas as coisas.

No versículo 13 aprendemos um princípio:

Devemos confiar nas ações de Deus e na sua vontade para a nossa vida

“Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o

realizar, segundo a sua boa vontade” (Revista e Atualizada). “Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar” (Bíblia de Jerusalém).

“Pois Deus está sempre agindo em vocês para que obedeçam à vontade dele, tanto no pensamento como nas ações” (Bíblia na Linguagem de Hoje).

O humanismo foi levado às suas últimas consequências naturais. Ele se rebaixou até aquele ponto visualizado por

Leonardo da Vinci há muito tempo, quando ele se deu conta de que, se partirmos tão somente do homem, a matemática nos leva a nada mais do que particulares - e dos particulares só podemos deduzir coisas mecânicas.

O humanismo não teve como identificar o universal no campo do sentido e dos valores. A grande verdade é que o humanismo alterou o salmo 23. Ele começa assim: “Eu sou o meu pastor, então as ovelhas são o meu pastor. Então tudo é o meu pastor. Finalmente nada é o meu pastor”³³.

O humanismo trouxe um problema sério para a nossa cultura moderna: vivemos em função de nós mesmos. O ser humano esqueceu-se de quem domina o Universo e controla todas as coisas. É Deus quem efetua aquilo que quer. E na nossa vida cristã é assim. Não dirigimos nossos planos e estratégias, é Deus e ponto final.

Veja o que as pessoas dizem: “Tenho o direito de ser feliz”.

Esta frase torna-se duvidosa quando, com isso, querem dizer que desejam ser felizes a qualquer preço e agora mesmo, nem um minuto a mais, e que o caminho para isso é estender a mão e tomar posse dos objetos de seus desejos, aliás, na maioria das vezes, questionáveis.

A maldade intrínseca ao ser humano foi deixada na lata do lixo da cultura religiosa³⁴. Tudo, agora, é uma questão de pensar corretamente e de mudar condicionamentos mentais, de domesticar impulsos destrutivos e de construir hábitos saudáveis. O sucesso é um patamar que as pessoas motivadas pelo

humanismo querem alcançar a qualquer custo. Parece que o conforto e o desejo pelo sucesso numa perspectiva humanista e individualista anestesia especialmente aqueles que têm medo de um mergulho para dentro de si mesmos e preferem paliativos para não aceitarem em hipótese alguma que existe um Deus que é maior que o humanismo falido e do que qualquer teoria que insiste em dizer que Deus não existe. E que somos senhores da vida e do destino.

O que o homem natural precisa aprender é que os valores cristãos não podem ser aceitos como se eles representassem algum tipo de utilitarismo superior, só como um meio para um fim.

As pessoas só resolvem reconhecer Deus quando a morte vem ou quando um desastre acontece no percurso humano. Quando olhamos a mensagem bíblica percebemos que ela é tão séria e profunda que demanda um comprometimento com a verdade. Isso significa que tudo não é o resultado do impessoal, mais tempo, mais acaso, mas que existe um Deus infinito-pessoal que é o criador do Universo, do tempo e do espaço. Isso significa a aceitação de Cristo como Salvador e Senhor. Isso significa viver debaixo da revelação de Deus sabendo que ele é Senhor dos senhores³⁵.

Ele comanda a história e jamais passou o comando para alguém. Por vezes dizemos que resolvemos tudo, esperamos que as coisas acontecerão do jeito que queremos. Decidimos os rumos da vida achando que tudo sairá na mais perfeita ordem. E não é bem assim. Deus está no controle da vida, Ele tem a última palavra para nós. Deus tem todo o mosaico da nossa vida em suas mãos.

Quando olhamos para a vida de Davi, percebemos alguém que andou no centro da vontade de Deus. O texto de Atos 13.22 afirma que ele fez tudo segundo a vontade de Deus. E todas as vezes que Davi quis andar por sua própria vontade, ele se deu mal. É Deus quem realiza aquilo que deve ser feito na nossa vida.

Conversava com uma amiga num almoço e ela disse que Deus livrou-a de muitos caminhos pelos quais ela quis andar. E disse que se não fosse a ação de Deus ela teria destruído a própria vida. Deus está no comando da história de ontem, de hoje e de amanhã. Ele é Senhor absoluto. Karl Marx achava que o ateísmo era uma necessidade, já que todas as religiões apoiavam as injustas estruturas sociais. Mal sabia ele que o seu marxismo viria apoiar as estruturas sociais injustas.

Deus está no comando da história. Friedrich Nietzsche achava que Deus estava morto e tudo era permitido³⁶. Não, Deus está vivo, e Nietzsche morto e todas as coisas são possíveis na direção e vontade eterna de Deus.

Deus é o Senhor santo, onisciente, onipotente e absolutamente soberano na vida e em todos os acontecimentos dela. É exatamente este princípio que Paulo nos ensina no texto de

Filipenses: "...porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (2.13). Outro texto bíblico que nos ajuda a entender este projeto

da vontade de Deus é Salmos 138.8, que diz: "O que a mim me concerne o Senhor levará a bom termo". Outra tradução diz: "O Senhor levará a bom termo o que me concerne".

É verdade, podemos confiar que em tudo Deus nos aperfeiçoará e nos levará a bom termo. E com toda certeza poderemos entender que Ele faz tanto o realizar como o querer. Realmente este assunto sobre quem Deus é e o que Ele faz é uma matéria de fé. É preciso ter fé para confiar no Deus que tudo executa por nós. No seu livro *Crer é também pensar* John Stott afirma algo importante:

"Fé é uma confiança racional, uma confiança que, em profunda reflexão e certeza, conta o fato de que Deus é digno de todo crédito. Por exemplo, quando Davi e seus homens voltaram a Zicagle, antes dos filisteus terem matado Saul na batalha, um terrível espetáculo os aguardava. Na sua ausência os amalequitas tinham saqueado a sua aldeia, incendiado as suas casas e levado cativas as suas mulheres e crianças. Davi e seus homens choraram até não terem mais forças para chorar e então, na sua amargura, o povo cogitou de apedrejar a Davi. Era uma crise séria e Davi facilmente poderia ter-se deixado cair no desespero. Mas, em vez disso, lemos que 'Davi se reanimou no Senhor seu Deus'. Esta era uma fé verdadeira. Ele não fechou seus olhos aos fatos. Nem tentou criar sua própria autoconfiança, ou dizer a si mesmo que se sentia realmente muito bem. Não. Ele se lembrou do Senhor seu Deus, o Deus da criação, o Deus da aliança, o Deus que prometeu ser o seu Deus e colocá-lo no trono de Israel. E à medida em que Davi se recordava das promessas e da fidelidade de Deus, sua fé crescia e se fortificava. Ele se reanimou no Senhor seu Deus". É nesse Deus da aliança que devemos confiar, que Ele fará tudo aquilo que deseja para o nosso crescimento diante d'Ele. Como podemos buscar a vontade de Deus?

Conheça a fundo as promessas de Deus

Nas Sagradas Escrituras há 30 mil promessas de Deus para a nossa vida espiritual. A Bíblia afirma que Deus tem planos de paz para nós. Lendo essa

promessa descansamos mais na vontade de Deus.

A Bíblia afirma que Deus leva o nosso fardo todo dia, e esta promessa nos ajuda a entender que Ele está no controle de tudo e nos ajuda a buscar ainda mais a sua vontade.

Medite sempre sobre a providência de Deus O próprio Paulo afirma que Deus suprirá todas as nossas necessidades em glória por Cristo Jesus. Temos o Deus da providência em nosso interior. Deus está presente em cada ato da nossa história.

Todas as coisas contribuem para o nosso crescimento e para o nosso bem porque Deus é o Deus da providência. Uma frase que me chamou a atenção sobre providência e cuidado de Deus foi a de Max Lucado:

“Você não tem de carregar a carga de um deus inferior... um deus sobre uma estante, um deus numa caixa, ou um deus numa garrafa. Não, você precisa de um Deus que coloca 100 bilhões de estrelas em nossa galáxia e 100 bilhões de galáxias no universo. Você precisa de um Deus que molde dois punhados de carne em 75 a 100 milhões de células nervosas, cada uma com 10.000 conexões com outras células nervosas, colocar isto num crânio, e chamá-lo de cérebro. E você precisa de um Deus que, enquanto você está adormecido, vem na quietude da noite e toca você com a ternura e amor. Você precisa de um Yahweh. E, de acordo com Davi, você tem um. Ele é o seu pastor”³⁷.

Adore ao Senhor em qualquer circunstância Alguém que anda na compreensão da vontade e querer de Deus torna-se uma pessoa marcada pela oração, louvor e adoração diante de Deus em qualquer momento da vida. Uma comunidade que entende a vontade de Deus é adoradora. Ela compreende os momentos difíceis como um processo de maturidade e crescimento diante do soberano Deus.

Por que devemos adorar a Deus sempre? Porque Ele anda conosco, porque Ele nos protege e controla toda a nossa vida. Como afirma Max Lucado:

“Você tem um Deus que o escuta; tem o poder do amor atrás de você, o Espírito Santo dentro de você e todo o céu dentro de você. Se você tem o Pastor, você possui graça para cada momento, direção para cada curva, luz para cada canto e uma âncora para cada tempestade. Você tem tudo o que precisa”³⁸.

Sirva sempre o Reino de Deus como centro de todas as coisas e você

entenderá parte dos propósitos de Deus

A nossa tendência é sempre cuidar das nossas necessidades

em primeiro lugar. Queremos ter a certeza de que existe tempo suficiente para as coisas que gostamos de fazer. Sobrando tempo poderemos então servir as pessoas e Deus. A Bíblia mostra exatamente o contrário. Ela nos ensina a depender do Reino em primeiro lugar. Depois é que faremos as outras atividades da vida humana.

Em Mateus 6.34 Jesus não reage ao nosso estilo de vida cheio de preocupação dizendo que não deveríamos estar tão ocupados com afazeres terrenos. Ele não tenta nos retirar dos muitos eventos, atividades e pessoas que compõem nossa vida. Não nos diz que o que fazemos não tem importância, valor ou até mesmo utilidade. Nem sugere que devemos nos afastar de nossos envolvimento e viver vida calma, tranquila e retirada das lutas do mundo³⁹. A resposta de Jesus é bem diferente. Ele pede de nós que substituamos nosso ponto de gravidade, relocalizemos o centro de nossa atenção, que mudemos as nossas prioridades. Jesus quer que deixemos de nos preocupar com as “muitas coisas” para a “única coisa necessária”.

É importante compreendermos que Jesus não quer de forma alguma que deixemos nosso mundo das atividades. Antes, quer que vivamos nele, mas firmemente arraigados no centro de todas as coisas. Jesus não fala sobre uma mudança de atividades, uma mudança de contatos ou até uma mudança de ritmo. Ele fala sobre uma mudança de coração.

Essa mudança de coração faz todas as coisas diferentes, até mesmo quando todas as coisas parecem permanecer as mesmas. A mudança é: “... buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. O mais importante é onde está o nosso coração.

Quando nos preocupamos, temos nosso coração no lugar errado. Jesus pede que coloquemos nosso coração no centro, onde todas as outras coisas irão se encaixar. Qual é esse centro?

Jesus o chama de Reino, o Reino do seu Pai. Para nós do século XXI isso pode não ter muito significado. Reis e reinos não exercem um papel muito importante em nossa vida diária. Somente quando entendemos as palavras de

Jesus como um chamado urgente para colocar a vida do Espírito de Deus como nossa prioridade é que podemos ver melhor o que está envolvido. Um coração que busca o reino do Pai também é um coração que busca a vida espiritual. Buscar o reino, portanto, significa colocar a vida do Espírito dentro de nós e entre nós como o centro de tudo que pensamos, dizemos ou fazemos⁴⁰. E daí o resto será acrescentado.

Que a graça do eterno Deus seja sobre nós!

32. GEORGE, Jim. Op. cit., p. 46.

33. SCHAEFFER, Francis A. *Como viveremos. Uma análise das características principais de nossa época em busca de soluções para os problemas desta virada de milênio*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 153.

34. KIVITZ, Ed René. *Vivendo com propósitos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 39.

35. SCHAEFFER, Francis A. Op. cit., p. 178.

36. PALAU, Luís. *Deus é essencial*. São Paulo: United Press, 2001, p. 93.

37. *Aliviando a bagagem*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 17.

38. Op. cit., p. 29.

39. NOUWEN, Henri. *Espaço para Deus - um convite para a vida espiritual*. Americana: Christopher Walker, 1984, p. 17.

40. Idem, *ibidem*, p. 17.

Capítulo 7

Diga não à murmuração

(Filipenses 2.14)

Um aatma gandhi Foi um homem que marcou e impressionou a sua geração no que diz respeito à solidariedade, à consideração pelo semelhante, no interesse em lutar pelos direitos do próximo. No decurso de sua vida Gandhi sempre lutou pelo bem-estar do seu próximo, apesar de não ser evangélico. E há uma frase dele que marca muito:

“Sempre considereei um mistério a capacidade dos homens de sentirem honrados com a humilhação de seu semelhante... Para ver-se face a face com o espírito da verdade universal que a tudo permeia, deve-se amar a mais insignificante das criaturas como a si próprio”⁴¹.

Esse interesse por parte de Gandhi contagiou uma geração inteira, tanto que ele foi muito considerado pelo mundo.

A Organização das Nações Unidas, numa atitude sem precedentes, suspendeu os trabalhos ao chegar a notícia de sua morte à cidade de Nova York. Era o reconhecimento de um homem raro, cuja influência iria muito além de sua existência.

As ações de Gandhi fazem-me lembrar de uma frase de Francis Schaeffer: “Se não deixarmos que transpareça beleza na maneira com que nos tratamos uns aos outros, então, aos olhos do mundo e aos de nossos próprios filhos, destruiremos a verdade que anunciamos. Se queremos atingir e alcançar a nossa geração precisamos ter e preservar a mesma unidade”⁴².

A grande verdade é que temos envergonhado o evangelho com uma prática de amor falsa porque questionamos o nosso próximo com uma língua ferina. Chegamos às nossas comunidades e não falamos com alguns que não gostamos. Falamos mal daqueles que nos incomodam. Reclamamos dos detalhes dos cultos e celebrações, reclamamos do nosso líder e pastores que nos assistem.

Somos verdadeiros murmuradores e nos esquecemos de que não estamos no meio das comunidades para comer uma pizza ou um lanche. Estamos na igreja, no ajuntamento para servir a Deus e dar testemunho através de uma

consideração do outro e para o crescimento do Reino de Deus.

A nossa missão, como Paulo bem menciona no texto de Filipenses 2.15, é para sermos estrelas que refletem a glória do Reino. Não é para murmurarmos e nos envolver com contendas. É sobre isso que Paulo fala no texto. Ele nos ensina um princípio importante:

Devemos fazer tudo para Deus sem reclamar e sem contendas no coração
Paulo afirma no versículo 14: “Façam tudo sem queixas

(murmurações) nem discussões (contendas)”. Murmuração é uma palavra interessante. O Novo Dicionário Aurélio aponta nove possibilidades de significado. Somente duas delas não têm sentido negativo (emitir som leve e segredar).

Há outras referências: repreender disfarçadamente, maldizer, criticar, difamar, desacreditar, queixar-se, lastimar-se. Murmuração é queixume, sussurros de descontentamento. Queixar-se em segredo⁴³. Contenda é dúvida, disputa, rebelião intelectual, busca pela vanglória⁴⁴, alteração, controvérsia, debate, disputa, litígio, demanda ou guerra. A contenda pode vir como fruto de uma discórdia entre duas ou mais pessoas, entre dois ou mais grupos.

Ao lermos a carta de Paulo aos gálatas, no capítulo cinco, vemos a contenda como obra da carne em muitas palavras sinônimas como: inimizades, porfias, emulações (rivalidades), pelejas e dissensões. A contenda, portanto, é fruto da natureza pecaminosa que está no homem.

Deus não criou o homem para que este contendesse com o seu próximo, mas para que amasse seu próximo. Há um antagonismo entre a contenda e o amor. Basicamente a contenda vem pelo homem buscar o seu próprio interesse; o amor, ao contrário, “não busca os seus interesses” (1 Co 13.5).

Na perspectiva de Paulo somos seres espirituais. Agora o Espírito Santo habita em nós e somos dirigidos por Ele. Temos algo que difere de muitos - o discernimento espiritual - e na vida nova temos “a mente de Cristo”. Esta convicção de que os cristãos têm novas mentes fez com que Paulo apelasse confiantemente a seus líderes: “Falo como a criteriosos; julgai vós mesmos o que digo” (1 Co 10.15).

O grande problema é que essa mente tem se deixado secularizar de forma despreocupada e num grau de debilidade sem paralelos na história cristã. É exatamente por isso que incorremos no erro de sermos murmuradores em potencial, mesmo vendo as ações e milagres de Deus na nossa vida. Além de os cristãos sofrerem a perda de moral intelectual e espiritual, têm perdido o exercício de gratidão e trocado pela murmuração.

Na época dessa igreja, pelo contexto em que vivia, havia motivos para ter murmurações, mas Paulo dá uma dica para que eles jamais perdessem o privilégio de ser mente de Cristo sem murmurações: “Façam tudo sem queixas nem discussões”. Não era para haver questionamentos no interior deles diante das circunstâncias. Não era para haver divisão entre eles diante das lutas⁴⁵.

A queixa (murmuração) é algo que sempre levou o povo de Deus para a rebeldia. Quando olhamos para o povo de Israel percebemos isso. Ao lermos o capítulo 14 do livro de Êxodo vemos que o Senhor mostrou ao povo a sua poderosa mão quando confrontou Faraó através de Moisés.

O povo viu a ação de Deus, mas diante da perseguição do exército de Faraó, em vez de se voltar para Deus, rebela-se contra Moisés e diz: “Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito? Não é isso o que te dissemos no Egito: deixa-nos, para que sirvamos os egípcios? Pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto” (Êx 14.11-12).

O povo era totalmente incrédulo diante de Deus, por isso se rebelou e murmurou contra o Senhor. Ele não compreendeu, como Moisés, que o Senhor era fiel para cumprir as suas promessas feitas outrora. Por isso Moisés disse ao povo: “O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis” (v. 14). Quando somos murmuradores temos uma triste negação de nossa redenção em Cristo. Você e eu não temos de murmurar diante de Deus e uns com os outros, lamentando a nossa frustração e chorando as nossas mágoas.

A consciência de vocação deve nos levar a uma atitude de intercessão, de sacerdotes, de construtores de pontes entre os homens e Deus. Cada vez mais a igreja precisa de “gente que se ponha na brecha pelo povo diante de Deus”.

Eu e você somos chamados para isso.

Quais são as dicas para evitarmos as murmurações e queixas?

Quando for falar mal de algo ou alguém, pense duas vezes

A Bíblia afirma em Provérbios 6.12-15: “O homem de Belial,

o homem vil, é o que anda com a perversidade na boca, acena com os olhos, arranha com os pés e faz sinais com os dedos. No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas. Pelo que a sua destruição virá repentinamente; subitamente, será quebrantado, sem que haja cura”.

Salomão começa esta parte falando do homem vil, desordeiro, iníquo, perverso, que tem maldade na sua boca. É aquele que literalmente é de Belial, ou seja, alguém que é maligno. No versículo 13 ele apresenta esse homem de Belial como alguém que maquina nos olhos e nos gestos dos pés e dedos a maldade, a perversidade. No versículo 14 ele diz que este tem a maldade no coração e em todo tempo trabalha o mal. Este levanta contendas no meio das pessoas. E no versículo 15 diz que um dia ele mesmo se destruirá (Pv 24.19-20; Sl 37.7 e 73.3-14).

Nos versículos 16 a 19 Salomão trabalha seis itens que o Senhor aborrece e a sétima abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos.

Lembra-se das palavras de Davi em Salmos 131.1? Ele diz que não é soberbo o seu coração, nem altivo o seu olhar e não está à procura de grandes e maravilhosas coisas para ele. Uma coisa que destrói o nosso coração é o orgulho. Quando nos envolvemos com o orgulho, corrompemos o nosso coração, deturpamos nosso olhar e nos envolvemos na busca pelo hedonismo, ou seja, a busca pelo prazer mundano. Daí as nossas atitudes são corrompidas pelo desejo de ter, de possuir as coisas terrenas, mesmo que precisemos nos esquecer da contemplação do Pai e do respeito pelo próximo.

Veja que o olhar altivo gera maldade no coração e passamos a ter uma língua

mentirosa. Falamos mentiras contra o nosso próximo. E com certeza a nossa mão começa a derramar sangue inocente.

Quando o nosso olhar é altivo, começamos a maquinar projetos maus, projetos que atrapalham a vida das pessoas. Passamos a correr rumo ao mal, rumo à essência do nosso próprio coração, que é extremamente corrupto. E o resultado traz aflição profunda. Começamos a nos envolver com a falsidade e a mentira. E esse estágio termina em algo absolutamente péssimo, que Deus abomina, tem repugnância, que é o levantar contendas entre os nossos irmãos.

Veja que sem o temor e a contemplação do Pai sempre nos sentimos aquém das expectativas dos outros, por isso queremos fazer e fazer e mostrar para os outros que somos algo. E geralmente nos envolvemos com o orgulho, com a altivez e com a mentira. Daí o resultado é a contenda entre os irmãos. Isso não pode ser a nossa prática como povo de Deus, pois essa atitude gera descontentamento no coração do nosso Pai Celestial.

Tenha sempre uma boa palavra nas relações com os outros

“No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os

lábios é prudente” (Pv 10.19). Na multidão da nossa palavra por vezes não falta transgressão.

“O que retém o ódio é de lábios falsos, e o que difama é insensato” (Pv 10.18). O imprudente sempre destrói, sempre tem palavras más nas suas relações. O correto tem palavras que somam, que edificam a vida do próximo.

“Nos lábios do prudente, se acha sabedoria, mas a vara é para as costas do falto de senso” (Pv 10.13). “Prata escolhida é a língua do justo, mas o coração dos perversos vale mui pouco. Os lábios do justo apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos” (Pv 10.21-22). Perceba como a boa palavra do justo tende só a edificar, porque seus lábios são sábios, sua língua não é serpente venenosa, mas prata escolhida. Os lábios do justo somam, apascentam, nutrem o coração de outros.

“A boca do justo produz sabedoria, mas a língua da perversidade será

desarraigada. Os lábios do justo sabem o que agrada, mas a boca dos perversos, somente o mal” (Pv 10.31-32).

Guarde a língua para conservar a própria alma “O que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína” (Pv 13.3). Aqui Salomão mostra o grande risco que corremos na vida. Ele adverte que aqueles que não tomam cuidado com a sua boca - estes geralmente são insensatos - têm como mal a ruína. Salomão nos ensina que devemos guardar a nossa boca para que tenhamos saúde na alma.

Quem guarda a boca preserva a própria vida da ruína física, espiritual e social. Em Provérbios 13.5 Salomão fala novamente sobre as palavras: “O justo aborrece a palavra de mentira, mas o perverso faz vergonha e se desonra”. Ele afirma que quem anda usando a boca imprudentemente está jogando lama no próximo. E a lama traz desconforto, pois cheira mal.

Assim é a boca de alguns irmãos que levantam discórdias na comunidade. Alguns cristãos sentem dificuldades em receber as pessoas com amor. Quem se encontra nessa condição ainda não recebeu Cristo como convém. Deve se entregar à oração, à convivência com a igreja e implorar com todas as forças ao Deus vivo que lhe conceda o verdadeiro amor, pois ninguém, nem obra alguma, poderá dar o amor de Deus senão o seu Santo Espírito. E devemos ter cuidado para não sermos pegos agindo contra Deus quando falamos mal dos outros.

Há ocasiões em que, em vez de abençoar, amaldiçoamos. Despejamos sobre aquele a quem falamos um rosário de reclamações e falta de fé. Quando valorizamos o falar mal, amaldiçoamos a criação de Deus, que é o nosso próximo. Parece que o Deus que pregamos não é o de amor e graça, aquele que nos ama e sempre nos trata com perdão.

Lembre-se de que o resultado da murmuração é a divisão

Em Atos 6.1 vemos que a murmuração teve a habilidade de

dividir a igreja no primeiro século entre gregos e hebreus. Onde há murmuração produz-se confusão, e a confusão produz divisão. Ela acaba com a amizade.

Em Provérbios 16.28 Salomão afirma que o homem perverso espalha contendas e o difamador separa os maiores amigos. Pessoas que andavam juntas, que se amavam e gostavam de compartilhar a mútua companhia, por

causa de contendas, estão separadas. Hoje demonstram frieza e tensão nas relações com outras pessoas. Tudo porque alguém deu brecha à murmuração e às contendas. Isso paralisa o bom desenvolvimento da igreja. A murmuração consegue dividir a igreja, polariza os seus recursos, rompe relações, separa amigos e leva irmãos a enfrentar os líderes. A energia e o tempo que poderiam usar na edificação do corpo de Cristo, na salvação deste mundo perdido, são desperdiçados debilitando a igreja e arruinando sua credibilidade.

Mais dicas para romper com a murmuração e contendas na igreja

1. Os murmuradores acabam quando não há quem os escute.
 2. Quando nos damos conta de que ao escutá-los tornamo-nos cúmplices.
 3. Quando reconhecemos que a murmuração beneficia unicamente o diabo.
 4. Quando reconhecemos que a murmuração atrapalha o desenvolvimento da vida espiritual.
 5. Quando aceitamos que ao murmurar contra aqueles que têm a imagem de Deus estamos murmurando contra o próprio Deus (Tg 3.9).
 6. Quando reconhecemos que tanto a murmuração como a contenda são pecados.
 7. Quando reconhecemos que a murmuração é dirigida contra Deus (Tg 4.11-12).
- Que Deus nos ajude a praticar tais princípios!

41. NICHOLSON, Michael. *Mahatma Gandhi*. Rio de Janeiro: Globo, 1990, p. 5 e 45.

42. SCHAEFFER, Francis A. *A missão da igreja no mundo de hoje*. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1983, p. 34.

43. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 35.

44. Idem, ibidem.

45. SHEDD, Russel. Op. cit., p. 69.

C a p í t u l o 8

Uma vida correta e séria diante de Deus

(Filipenses 2.15-18)

e m s e u l i v r o *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo* John Stott trabalha três aspectos importantes para o desempenho da nossa vocação cristã: santidade, testemunho e sofrimento. Ele diz que somos chamados para a santidade ou chamados para ser santos. Já que o próprio Deus é santo, Ele nos chama para que também sejamos santos.

Para muita gente “santidade” dá a falsa ideia de gente piedosa com uma aparência anêmica e um olhar distante, que parece ter se desligado da vida, mas a verdadeira santidade é uma semelhança com Cristo, que é vivenciada no mundo real.

Somos chamados a testemunhar. O texto de 1 Pedro 2.9 afirma: “Vós, porém sois... povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz...”.

Pedro contrasta aquilo que éramos antes com o que somos agora. Vivíamos nas trevas, mas agora estamos na luz. Nós não éramos povo, mas agora somos povo de Deus⁴⁶. Não tínhamos alcançado misericórdia, mas agora alcançamos.

A dedução lógica é que não podemos, de maneira alguma, guardar essas bênçãos para nós mesmos. Tendo sido chamados para a luz de Deus, somos inevitavelmente chamados para fazer brilhar a nossa luz.

Somos chamados para o sofrimento⁴⁷. O texto de 1 Pedro 2.20-21 afirma: “Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados...”. Pedro escreveu essa carta quando a hostilidade de Nero para com os cristãos começou a crescer e agourentas nuvens de perseguição acumulavam-se no horizonte. A qualquer momento poderia irromper a tempestade. E como os cristãos deveriam reagir se sofressem injustamente?

A resposta de Pedro é muito franca. Eles foram chamados para seguir o exemplo de Cristo, da não retaliação⁴⁸. Muita gente fica chocada ao saber que sofrimento injusto é uma parte inevitável do chamado cristão. Porém o próprio Jesus advertiu-nos sobre isso: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim (...) Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros...” (Jo 15.18, 20).

No capítulo dois de Filipenses Paulo finaliza seus conselhos, que servem muito bem para nós hoje diante da ideia de santidade, testemunho e sofrimento.

Não tenhamos falhas ou manchas no nosso caráter cristão

O desejo de Paulo para a igreja era que ela fosse encontrada

de maneira absolutamente sincera e honesta, sem nenhum escândalo para a sociedade. A pureza deveria ser a marca da igreja e não atos de críticas, murmurações e algo que causasse divisão. O comportamento da igreja deveria ser como daquela que foi salva e experimentou a graça de Deus, por isso Paulo fala do comportamento da igreja como filha de Deus.

As pessoas percebem isso em nós? Quando olham para nós imitam o nosso caráter? A nossa forma de cuidar e educar os filhos? De amar as esposas? De cuidar das finanças? De tratar com os vizinhos? Como precisamos buscar isso na presença de Deus!

Como afirma Stott, “a mente cristã tem-se deixado secularizar num grau de debilidade e de forma tão despreocupada sem paralelos na história cristã. Não é fácil achar as palavras certas para exprimir a completa perda de moral intelectual na igreja do Século 21. Não existe mais uma mente cristã.

Ainda há, certamente, uma ética cristã, uma prática cristã e uma espiritualidade cristã. Mas, na condição de um ser que pensa, o cristão moderno já sucumbiu à secularização”⁴⁹.

Stott diz algo sério demais para nós:

“É pela renovação de nossa mente que nosso caráter e comportamento se transformam. Assim é que, seguidamente, a Escritura nos exorta a uma disciplina mental nesse sentido. Tudo o que é verdadeiro, diz ela, tudo o que

respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. De novo: Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus... Devemos constantemente nos lembrar do que Deus já fez por nós, e dizer a nós mesmos: Deus me uniu com Cristo em sua morte e ressurreição, e assim acabou com a minha velha vida e me deu uma vida completamente nova em Cristo. Adotou-me em sua família e me fez seu filho. Pôs em mim seu Espírito Santo fazendo de meu corpo seu templo. Também se tornou seu herdeiro e me prometeu um destino eterno, consigo, no céu. Isto é o que ele fez para mim e em mim. Isto é o que sou em Cristo”⁵⁰.

Vivamos sem nenhuma culpa no meio de pessoas más

O texto afirma no versículo 15b: sejam filhos de Deus, vivendo

sem nenhuma culpa no meio de pessoas más. Existe uma espécie de culpa latente, inconsciente e recalcada, mas temerosa. Vivemos constantemente sob a ameaça de uma revelação impossível de evitar, porque não conseguimos pensar em tudo. Pelo atraso de um compromisso, podemos ter feito um mal a alguém e só o percebemos, subitamente, quando ele não poderá mais ser reparado.

De fato, é esta a condição em que vivemos: a vaga e inquietante percepção de que a todas as faltas que nós sabemos ter junta-se, certamente, um número ainda maior, que um incidente qualquer pode trazer à luz repentinamente.

Assim Pedro tomou bruscamente plena consciência de sua negação quando o galo cantou, ainda que fosse muito tarde. “E, saindo dali, chorou amargamente” (Mt 26.75).

Estamos sempre sob a ameaça de algum canto de galo que nos colocará embaraço. Isso nos traz certa inquietude permanente. Sentimos sempre suspeitas de uma culpa constante, imprevisível e transitória. A culpa com respeito à conduta é algo forte em nós também⁵¹.

Todos temos a culpa do pecado que tanto nos deixa chateados e nos faz por

vezes ser acusadores de outros porque carregamos isso em nosso interior.

Lembro-me de uma afirmação de Paul Tournier sobre a acusação da mulher adúltera:

“Nós somos acusadores porque acusados e acusados porque acusadores. Apresentar somente a graça é amputar a metade do Evangelho. A graça é para a mulher que treme diante de sua culpa. Mas, seus acusadores poderão partilhar da graça somente se redescobrirem por si mesmos o peso da culpa. Apresentar, pelo contrário, só a severidade de Deus, é também amputar a verdade do Evangelho. Jesus suscita a culpa não para condenar, mas para salvar, porque a graça é dada a quem se humilha, a quem toma consciência de sua culpa. Jesus mesmo formula esta inversão paradoxal das coisas nestas palavras: “Assim os últimos serão primeiros e os primeiros serão últimos” (Mt 20.16). Quantas vezes não pensei nisso quando um homem soluçava no meu gabinete exprimindo sua decepção consigo mesmo, suas faltas, seus erros, seu desespero, seu sentimento de inferioridade. Ele está mais próximo do Reino de Deus do que eu que o escuto; e eu me aproximo do Reino, como também deste homem, na medida em que me reconheço também culpado, também impotente, também inferior e também desprezado como ele. Só assim posso ajudá-lo porque assim estou livre de todo espírito de julgamento, estou como ele: arrependido e à espera da graça”⁵².

O desejo de Paulo como mentor da igreja era que os cristãos vivessem de maneira que ninguém visse culpa neles. O desejo dele é que a consciência cristã daqueles irmãos estivesse tranquila no sentido de terem sido perdoados e ficarem livres do sentimento de culpa através da obra da graça e também do medo de não poderem viver o evangelho de maneira integral.

Paulo só pede um grau de pureza profunda para eles terem isenção de culpa. Era a ideia de viverem sem manchas e sem falsidade. Deveriam viver puramente e sem defeitos na moral e na vida de fé deles⁵³. Da mesma forma hoje Deus nos chama para uma vida de pureza e sem peso na consciência, sem o dilema da culpa que tanto nos deixa aflitos e inseguros.

Quando vivemos com um caráter intocável, jamais somos impelidos por sentimentos terríveis de culpa. Dormimos tranquilos e administramos todas as áreas da vida na maior paz. Assim poderemos testemunhar de maneira profunda a verdade do evangelho de Cristo Jesus.

Brilhemos como luzeiros da graça de Deus O texto afirma no versículo

15c: no meio delas vocês devem brilhar como luzeiros no céu. Os cristãos deveriam entregar aos homens e mulheres incrédulos da época a mensagem da vida como luzeiros de Deus. É a ideia de ter um corpo luminoso através de boas obras que refletem o caráter de Cristo. Somos chamados hoje para sermos luz no meio das trevas como Jesus ensinou no Sermão do Monte. Jesus disse aos seus discípulos em Mateus 5.14: “Vós sois a luz do mundo”. Somos a luz do mundo, somos a luz que ilumina a vida humana. Essa é uma profunda responsabilidade que o Senhor Jesus nos deu, a de sermos luzeiros seus. Não podemos ser luz dentro do nosso próprio espaço. Não, mil vezes não! É lá fora, onde as trevas estão aumentando, diante das dores, frustrações e desesperanças humanas.

O que nos impressiona na vida de Paulo é o seu caráter de Cristo, como ele foi o verdadeiro sal e a verdadeira luz do mundo. Tanto que em sua presença o rei Agripa disse: “Por pouco me persuades a me fazer cristão. Paulo respondeu: Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou...” (At 26.28-29). Por causa do verdadeiro cristianismo ele pôde dizer: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”.

A Bíblia nos ensina que devemos brilhar como luz de Cristo no mundo, como estrelas no céu à noite. No texto de Mateus 5 Jesus esclarece que essa luz são as nossas “boas obras”. Que os homens “vejam as vossas boas obras”, disse Jesus, e “glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”, pois é através dessas boas obras que a nossa luz tem de brilhar. Parece que “boas obras” é uma expressão generalizada que abrange tudo o que o cristão diz e faz porque é cristão, toda e qualquer manifestação externa e visível de sua fé cristã⁵⁴. Considerando que a luz é um símbolo bíblico comum da verdade, a luz do cristão deve certamente incluir seu testemunho verbal. Assim, a profecia do Antigo Testamento de que o Servo de Deus seria uma “luz para os gentios” cumpriu-se não só no próprio Cristo, a luz do mundo, mas também nos cristãos que dão testemunho d’Ele.

A evangelização deve ser considerada uma das “boas obras” pelas quais a nossa luz brilha e o nosso Pai é glorificado. É bom lembrar que crer, confessar e ensinar a verdade também fazem parte das “boas obras” que evidenciam a nossa regeneração pelo Espírito Santo.

Nunca podemos deixar de olhar profundamente para o ensino de Jesus: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens”. Se o sal pode perder a sua salinidade, a luz em nós pode se transformar em trevas. Por isso, dia a dia

temos de brilhar como luz de Cristo. Dentro de nós precisa brilhar a luz que se expande para fora a fim de que as pessoas vejam que somos de fato luzeiros da graça. Luzeiros que refletem minimamente no falar, no andar, no agir e no viver diário o caráter de Cristo. Não é por acaso que na Epístola aos Filipenses Paulo mostra que a igreja deve ser seguidora dele como ele é de Cristo (Fp 3).

Não devemos ser como uma cidade ou vila aninhada num vale, cujas luzes ficam ocultas, mas sim como uma cidade edificada sobre um monte, que não se pode esconder e cujas luzes são claramente visíveis a quilômetros de distância.

Devemos ser como uma lâmpada acesa, como João Batista, que ardia e alumiaava, colocada no velador, numa posição de destaque na casa a fim de iluminar a todos que se encontram na casa, e não ficando “debaixo da gamela” ou “debaixo do balde”, onde não produz bem algum (Jo 5.35). Como afirma John Stott:

“Não devemos esconder a verdade que conhecemos ou a verdade do que somos. Não devemos fingir que somos diferentes, mas devemos desejar que o nosso Cristianismo seja visível a todos. Refugiar-se no invisível é uma negação do chamado. Uma comunidade de Jesus que procura esconder-se deixou de segui-lo. Antes, nós devemos ser cristãos autênticos, vivendo abertamente a vida descrita nas bem-aventuranças, sem nos envergonhar de Cristo. Então as pessoas nos verão, e verão as nossas boas obras e assim glorificarão a Deus, pois reconhecerão inevitavelmente que é pela graça de Deus que somos assim, que a nossa luz é a luz dele, e que as nossas obras são obras dele feitas em nós e através de nós. Deste modo, louvarão a luz e não a lâmpada que a transmite, glorificarão a nosso Pai que está nos céus, e não aos filhos que ele gerou e que têm traços da sua família”⁵⁵.

Vivemos num mundo que é declaradamente hostil. Vivemos constantemente expostos à pressão para “entrarmos na forma”. No entanto, através das Escrituras somos exortados a uma firme não conformação, e as advertências para quem cede ao mundanismo são muito sérias.

No Antigo Testamento o Senhor disse ao seu povo depois do êxodo: “Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos. Fareis segundo os meus juízos e os meus estatutos guardareis...” (Lv 18.3-4a).

C. S. Lewis escreveu seu tributo a Atanásio, que sustentou a divindade de

Jesus e a doutrina da Trindade quando a igreja inteira estava decidida a seguir o herege Ário:

“Sua glória é que ele não seguiu o curso da época; sua recompensa é que agora ele permanece, enquanto aquela época, como todas as épocas, já se foi” (Da introdução de C. S. Lewis ao livro *St Athanasius on the Incarnation*, Mowbray, 1953, p. 9).

Paulo termina sua palavra dizendo que a conduta deles é a entrega da mensagem da vida (v. 16). Se a igreja agisse assim, ele teria orgulho no dia de Cristo de que seu trabalho não tinha sido em vão. Isso traria alegria profunda ao seu coração, como afirma o versículo 18.

Hoje devemos lutar para apresentar o evangelho de tal forma que ele fale aos dilemas, temores e frustrações do mundo moderno. Encerro esta reflexão citando John Stott:

“Somos chamados a ouvir em dobro, ou seja, ouvir tanto a Palavra de Deus quanto o mundo. É um truísmo dizer que precisamos ouvir a Palavra de Deus, a não ser, talvez, que precisamos ouvir a ele com mais atenção e humildade, prontos para deixá-lo nos confrontar com uma palavra inquietante e inesperada. Menos agradável ainda é o fato de nos dizerem que nós também temos que ouvir o mundo, pois as vozes de nossos contemporâneos podem assumir a forma de agudos e estridentes protestos. Ora elas são queixosas, ora atraentes, ora nos chegam em tons agressivos. E depois tem o grito angustiante daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a ira, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão afastados de Deus. Não estou dizendo que deveríamos ouvir a Deus e aos nossos companheiros humanos da mesma forma ou com o mesmo nível de deferência. Nós ouvimos a Palavra com humilde reverência, ansiosos por entendê-la e decididos a acreditar no que viermos a compreender. Nós ouvimos o mundo com atenção crítica, igualmente ansiosos por compreendê-lo, e decididos, não necessariamente a crer nele e a obedecer-lhe, mas a simpatizar com ele e a buscar graça para descobrir que relação existe entre ele e o evangelho”⁵⁶.

A Bíblia afirma que devemos ser luz e brilhar como reflexo de Cristo. João diz que Ele é a luz do mundo. E quem anda n’Ele possui a luz dentro de si, tem a luz da vida dentro de si mesmo (Jo 8.12). Isaías diz que devemos andar na luz do Senhor (Is 2.5).

Salomão afirma que a luz do justo é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito (Pv 4.18).

Que a graça de Deus seja sobre nós para que vivamos desta maneira!

46. STOTT, John. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida, 2005, p. 149.
47. Idem, *ibidem*, p. 150.
48. Idem.
49. STOTT, John. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU, 1992, p. 13.
50. Idem, *ibidem*, p. 24-25
51. TORNIER, Paul. Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho. São Paulo: ABU, 1985, p. 35-36.
52. Idem, *Ibidem*, p. 97.
53. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 36.
54. STOTT, John. *Contracultura cristã. A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1981, p. 29.
55. Idem, *Ibidem*, p. 30.
56. STOTT, John. *A cruz...* cit., p. 13.

Capítulo 9

Sejamos parceiros nas lutas e tristezas dos amigos (Filipenses 2.19-30)

Vivemos um tempo em que as pessoas procuram somente aquilo que é benéfico para elas mesmas. Estamos preocupados com os nossos próprios direitos e isso tem tornado a nossa sociedade cada vez mais fechada e menos humana.

Se não valorizarmos a responsabilidade para com o outro perderemos as raízes dos princípios bíblicos, que são: amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos. E isso me faz lembrar de um filme extraordinário: “Coach Carter

- Treino para a Vida”⁵³, que tem como temática a superação de estudantes atletas. Motivados pela presença marcante e carismática de um surpreendente professor-treinador, e em virtude de uma série de reviravoltas em suas vidas a partir de sua experiência no esporte, conseguiram vitórias notáveis.

A Richmond High School tem um dos piores times de basquete da liga estudantil estadual. Raramente seu time obtém alguma vitória e nunca conseguiu chegar às fases finais dos torneios locais. Seus jogadores contentam-se em apenas fazer algumas jogadas de efeito e, eventualmente, conquistar uma vitória e dessa forma justificar a sua vida de esportistas.

Os resultados escolares também são lastimáveis e não se referem exclusivamente ao rendimento dos atletas do time de basquete. Poucos são os estudantes dessa escola que conseguem chegar à universidade, muitos desistem até mesmo de completar o ensino médio e a incidência de jovens da comunidade no mundo do crime é bastante alta.

Quando a escola acerta a contratação de um novo treinador para sua equipe de basquete pensando na próxima temporada, não imagina que sua chegada vai mexer muito com os brios do time e também com o próprio conceito de escola que a comunidade tem.

A maioria das pessoas acredita que treinadores e professores de educação física devem se preocupar apenas com a parte atlética da formação de seus

pupilos, não é? Ken Carter (Samuel L. Jackson), o novo treinador, não pensa dessa forma. Desde o princípio aplica métodos ortodoxos de trabalho visando dar a seus jovens o máximo de disciplina para conseguir nos jogos os resultados que todos gostariam de atingir. Além disso, diferentemente de outros vitoriosos treinadores, Carter defende a tese de que as vitórias do esporte devem também ser transformadas em vitórias na vida futura.

De que valem os troféus que enfeitam os corredores das escolas se depois de tudo isso esses “vitoriosos” atletas não conseguirem diplomas, formação universitária, trabalho, estabilidade, decência e respeitabilidade?

Partindo dessa premissa, Carter desafia a comunidade e, mesmo diante de uma excepcional campanha de sua equipe, tranca o ginásio e cancela jogos para exigir melhor rendimento acadêmico de seus jogadores. Afinal de contas, como aprendemos com o velho chavão latino, a completude e a harmonia nos seres humanos dão-se a partir do momento em que temos o corpo são e a mente também.

O técnico não só ensina, mas também aprende o que significa companheirismo e atitude de amizade para com o próximo. O filme é extraordinário e cheio de lições para a vida. E a história tem tudo a ver com o que Paulo nos fala por meio da Epístola aos Filipenses.

O primeiro ensinamento que Paulo nos traz é:

Devemos buscar o cuidado daqueles que Deus colocou na nossa vida
“Espero, porém, no Senhor Jesus, mandar-vos Timóteo, o mais

breve possível, a fim de que eu me sinta animado também, tendo conhecimento da vossa situação. Porque a ninguém tenho de igual sentimento que, sinceramente, cuide dos vossos interesses; pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus. E conheceis o seu caráter provado, pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai. Este, com efeito, é quem espero enviar, tão logo tenha eu visto a minha situação. E estou persuadido no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei” (vv. 19-24).

Nas Sagradas Escrituras encontramos os fundamentos dessa cooperação. No

original há duas palavras que se traduzem por cooperação: *Koinounia* (de *Koinós*, comum), que expressa aquilo que é comum a duas ou mais pessoas. *Koinounia* é, portanto, comunhão, intimidade. Significa compartilhar, participar numa tarefa comum; *Sunerguéou* (de *Érgon*, trabalho) significa “trabalhar lado a lado” (como camaradas de trabalho).

Percebemos que enquanto *Koinounia* põe em evidência a solidariedade, o companheirismo, a união espiritual entre pessoas que trabalham, *Sunerguéou* realça e acentua o trabalho feito em colaboração.

Quando pensa em Timóteo para ir visitar a igreja no seu lugar, Paulo tem no coração a visão da camaradagem. Ele se preocupa com o cuidado da igreja e sabe da sua responsabilidade como pastor, então envia um jovem com algumas características importantes:

Honestidade

O testemunho de Paulo é de alguém que andou com ele na segunda viagem missionária em Derbe, Lacaônia, Bereia e Macedônia. Para Paulo, Timóteo era um jovem de caráter sério, respeitado e digno de inteira confiança. Ele confia a Timóteo o cuidado dos cristãos que necessitavam de atenção. Temos pessoas que são assim? Podemos entregar pessoas para o cuidado de outras sem medo? Pessoas de inteira confiança e de caráter sério no Reino de Deus?

Cuida sinceramente do bem-estar das pessoas A missão de Timóteo visava as pessoas que estavam ao seu redor. Paulo sabia disso e dá testemunho desta verdade em Timóteo. Ele tinha o mesmo pensamento de Paulo em relação à igreja de Deus. Por isso, ele recomenda Timóteo para cuidar das pessoas. Paulo sabia muito bem sobre a formação desse jovem por meio de sua avó e sua mãe.

E nós temos pessoas que sinceramente buscam o bem-estar dos outros, que se doam pelos outros?

Timóteo é um modelo para nós de uma pessoa que quer ver o bem dos outros.

Não busca o que é do seu próprio interesse Paulo evidencia que Timóteo tinha um interesse maior do que o seu próprio: as questões espirituais. Ele não estava preocupado com o status de ser o auxiliar do grande Paulo. Estava preocupado em investir no Reino através do cuidado das pessoas que Deus

lhe confiara. Provavelmente ninguém estaria disposto a fazer uma viagem até Filipo sacrificando assim os planos e confortos pessoais⁵⁴.

Muitos não teriam tamanha preocupação com a obra de Cristo para fazer isso. Paulo confia que Timóteo faria por ser desprendido de interesses. E nós temos disposição para nos doar em favor dos outros, mesmo que custe caro? Temos investido tempo e recursos nos amigos?

Tem Cristo Jesus no centro

Timóteo tinha Cristo como centro da sua vida, por isso não pensaria duas vezes para ir cuidar do rebanho do Senhor.

É fiel no Reino de Deus

Paulo diz que ele deu provas de si e serviu com ele a favor do evangelho. A tradução para provas é caráter provado (*dokime*), qualidade comprovada. Timóteo era fiel no serviço e entrega no Reino de Deus.

Em 1 Timóteo Paulo refere-se a ele como seu verdadeiro filho na fé e saúda com a graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus o Senhor (1 Tm 1.2). Para Paulo, Timóteo era alguém que realmente levava Deus a sério.

Paulo afirma: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus, de conformidade com a promessa da vida que está em Cristo Jesus, ao amado filho Timóteo, graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque, sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia. Lembrado das tuas lágrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti. Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação. Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos...” (2 Tm 1.1-9).

Esta é a cooperação que resulta no cuidado daqueles que Deus deu a Paulo e Timóteo, e hoje Deus nos chama para compartilharmos esta visão. A cooperação depende essencialmente das relações humanas entre amigos tendo Cristo e a sua obra como vínculo de união. Trata-se de um relacionamento ativo e centrado não nos interesses pessoais, mas no Reino de Deus. O segundo ensinamento que Paulo nos traz é:

Devemos ser parceiros nas lutas e tristezas dos nossos amigos

“Julguei, todavia, necessário mandar até vós Epafrodito, por um lado, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas; e, por outro, vosso mensageiro e vosso auxiliar nas minhas necessidades; visto que ele tinha saudade de todos vós e estava angustiado porque ouvistes que adoeceu. Com efeito, adoeceu mortalmente; Deus, porém, se compadeceu dele e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, tanto mais me apresso em mandá-lo, para que, vendo-o novamente, vos alegreis, e eu tenha menos tristeza. Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria, e honrai sempre a homens como esse; visto que, por causa da obra de Cristo, chegou ele às portas da morte e se dispôs a dar a própria vida, para suprir a vossa carência de socorro para comigo” (vv. 25-30).

Epafrodito significa formoso ou gracioso. Ele era ministro e mensageiro dos filipenses, que foi mandado pela igreja de Filipos a Roma para entregar uma oferta em dinheiro a Paulo, que nesse tempo estava preso. Ele ficou com o apóstolo por algum tempo e o serviu com tão grande zelo que contraiu uma séria enfermidade (Fp 2.26 e 4.18).

Quando olhamos a história de Epafrodito, percebemos que o nosso Deus nos chamou para compartilhar a vida com os nossos semelhantes. Não é por acaso que a Bíblia afirma que melhor é dar do que receber.

O capítulo dois de Filipenses fala de dois homens que tinham prazer em ajudar os outros: Timóteo e Epafrodito.

Foi um amor sincero e firme que moveu Epafrodito a viajar cerca de 2.000 quilômetros da Macedônia a Roma para cuidar de Paulo, podendo com isso perder muito, inclusive sua própria vida, seja através de um acidente durante a viagem ou uma enfermidade contraída. Isto acabou acontecendo e quase o ceifou, pois o texto nos diz que ele adoeceu mortalmente.

Para ser cooperador e parceiro de Paulo Epafrodito abriu mão:

- Do trabalho;
- Da presença da família;
- Da presença dos irmãos da igreja.

Ele fez tudo isso porque tinha a visão da cooperação e o desejo de investir no outro, de ser parceiro nas lutas e tristezas de Paulo. A assistência dele para Paulo foi providencial porque os presos viviam em condições muito duras e a alimentação era insuficiente⁵⁵. Ele ajuda Paulo, consola-o e traz ânimo para o coração desse servo de Deus.

Através da vida de Epafrodito aprendemos o quanto precisamos entrar um pouco nas lutas e dificuldades do nosso próximo. Porque amar não é apenas fazer algo pelo outro, mas revelar ao outro a sua própria singularidade, comunicando-lhe assim que ele é especial e digno de atenção⁵⁶.

Epafrodito está doente, a ponto de morrer, e mesmo assim dá atenção para o seu amigo Paulo. Ele é o instrumento de Deus para que Paulo não tivesse tristeza sobre tristeza. Como precisamos desta conexão com os nossos amigos. Como precisamos doar nosso tempo para dividir as dores do outro, ver como estão os amigos.

Uma das maiores dificuldades para a amizade e o companheirismo se desenvolverem é: tempo, relacionamento e investimento. Jean Vanier diz algo significativo:

“A comunhão está no âmago do mistério da nossa humanidade. Ela significa aceitar a presença do outro dentro de si e também aceitar o chamado recíproco para entrar dentro do outro. A comunhão implica a segurança e a insegurança da confiança, é uma luta constante contra todos os poderes do medo e do egoísmo dentro de nós”⁵⁷.

Epafrodito ensina-nos a sair de nós mesmos para nos doar ao outro. Ele nos ensina a ir até o coração ferido e vulnerável, a abrir mão de nossos interesses por causa de um cuidado e investimento no outro.

Com Paulo aprendemos a valorizar aqueles que investem nas amizades e no cuidado dos outros. Paulo pede para a igreja receber Epafrodito no Senhor com toda a alegria e ter em honra homens como ele. Epafrodito chegou até as portas da morte pela obra de Cristo. Por esta causa ele arriscou a sua vida para suprir a vida de outros.

Como Paulo valoriza isso na igreja, faz questão de citar seus cooperadores em suas epístolas: Priscila e Áquila (Rm 16.3), Urbano (Rm 16.9), Timóteo (Rm 16.21), Tito (1 Ts 3.2, 2 Co 8.23), Marcos, Aristarco, Demas e Lucas

(Fm 24).

Dicas para investirmos em pessoas:

Tenhamos conexão com os nossos amigos sempre Usemos o telefone, a visita, um café, um e-mail e conversas sobre a vida e o cotidiano. A conexão inspira o que há de mais belo na nossa capacidade de amar e de aceitar os outros. Como diz Vanier: “É na conexão que as pessoas descobrem o que significa ser humano”⁵⁸.

Lembre-mos de que todos temos um papel a desempenhar: cuidado e investimento no outro O Reino é para cuidar do outro. Jesus cuidou dos seus

dando graça, amor e compaixão. Como seus discípulos, somos convidados a fazer o mesmo.

Tenhamos um coração que se doa para os outros Jesus tinha um coração que dava e recebia, mas Ele dava muito mais do que recebia. O coração dirige-se para aqueles que gritam em sua fraqueza e em sua carência de compreensão e amor.

As pessoas precisam de ouvidos para ouvir. As pessoas precisam dividir suas lutas e tribulações. Quem pode fazer isso se não os que têm coração que se doa para os outros? Todos temos um coração para amar e ser amado através da doação e da recepção. Como diz Vanier:

“O coração é o lugar onde encontramos os outros, sofremos e nos regozijamos com eles. Quando amamos não estamos sozinhos. O coração é o local da nossa unidade com os outros. É o coração que nos ajuda a descobrir a humanidade comum que vincula todos nós, que é até mais forte que tudo o que nos une como parte de um grupo específico.... O caminho do coração é o da cura de nossa mais profunda afetividade e necessidades, através da comunhão e da doação de si”⁵⁹.

Que Deus nos faça pessoas que invistam em outras pessoas, em nome de Jesus!

53. Direção: Thomas Carter. Atores: Samuel L. Jackson, Rob Brown, Robert Richard, Rock Gonzalez. País/Ano de Produção: EUA - 2005. Duração: 136 minutos. Extras: Técnico Carter: O Homem por Trás do Filme - Colégio Richmond.

54. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 39.

55. BABAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Filipenses*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 385. vol. 5.

56. VANIER, Jean. *O despertar do ser*. Campinas: Verus, 2002, p. 28. 57. Idem, ibidem, p. 35.

58. Idem, p. 75.

59. Idem, p. 96, 109

Capítulo 10

A autoestima na perspectiva bíblica

(Filipenses 3.1-11)

Não há estima sem Deus, sem a visão em Deus e na justiça divina. Em Mateus 11.27 Jesus diz que todas as coisas foram dadas pelo Pai ao Filho, e ninguém conhece o Filho sem a revelação dada por Deus.

A identidade na Trindade é dependente. Cada um repousa no ser do outro. Há a dependência do Filho no Pai. O Filho não é um recurso isolado. Primeiro, ele recebe do Pai. Para ser conhecido, o Filho depende da revelação do Pai.

A prerrogativa do conhecimento do Filho vem do Pai. O Pai confia todas as coisas ao Filho. Ele não fala, não age sem a revelação do Pai. Na comunhão o Pai soberano reconhece a necessidade do seu Filho na revelação de quem Ele é. Há uma dependência no Pai e no Filho. Conhecer a Deus é conhecer o Filho. Jesus é parte essencial na revelação do Pai.

A Trindade é um ensinamento da verdadeira relação de dependência e da busca pela autoestima. A identidade de cada um revela a dependência de cada um. O texto mostra a ideia de um homem que busca a sua autoestima na compreensão bíblica de quem ele é e qual a sua forma de buscar a autoestima.

Em Filipenses 3 Paulo trabalha a perspectiva do cristão verdadeiramente convertido. Ele fala para aqueles que andam na direção de Cristo por meio do Espírito Santo. Ele fala para aqueles que passaram por uma obra divina em sua vida.

Ele não fala para aqueles que tinham opiniões certas sobre qualquer coisa. Ele fala para aqueles que de fato tiveram uma mudança radical na alma, no coração, os que tiveram um moldar, uma formação nova em Cristo Jesus.

Então Paulo escreve para aqueles que são formados em Cristo para a segurança deles. E ele deseja que estes se cuidem diante dos cães, dos maus obreiros e da falsa circuncisão. E diz que eles eram a circuncisão porque serviam a Deus em espírito e se gloriavam em Cristo Jesus e não confiavam

na carne. E depois fala sobre a verdadeira autoestima na presença de Deus. Ele tem uma identidade em Cristo, por isso considera tudo como perda por amor a Cristo. Vejamos o que podemos aprender neste texto rico e profundo para a nossa vida espiritual.

Na leitura bíblica da autoestima precisamos negar a nós mesmos

“Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo...” (vv. 4-8).

Olhe para a realidade de Paulo. Ele seguiu todas as prescrições de um cidadão da época e de um religioso do tempo de Jesus: foi circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, foi fariseu; quanto ao zelo, perseguiu a igreja; quanto à justiça que há na lei, foi irrepreensível. Mas ele diz que aquilo que era lucro considerou como perda por amor de Cristo.

Tudo aquilo que trazia prazer, tudo que beneficiava sua autoestima ele considerou como perda, abriu mão. Ele teve por perda todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, seu Senhor, pelo qual sofreu a perda de todas estas coisas e as considerou como refugo para ganhar a Cristo. A nossa afirmação só vem com a negação de nós mesmos.

O paradigma da sociedade secular é ser livre. Para Paulo, ser livre é um marco da vida cristã, só que é uma liberdade com o Reino de Deus no coração. Para Paulo, a verdadeira liberdade está em negar a si mesmo por amor a Cristo.

A nossa grande realidade é que vemos cristãos cheios de amarras de uma cultura imposta. Temos aquilo que alguns pensadores têm chamado de

“espírito individualista sem nenhum juiz”. Em nossa igreja brasileira temos verdadeiras crianças espirituais que vivem em função de uma subjetividade enorme, de uma autoestima narcisista e mundana.

A realidade nua e crua em nossa história protestante é que as pessoas não buscam mais uma vida santa, e sim um corpo sarado; não buscam o mandamento do amor, e sim fazer sexo; não buscam uma vida honesta, e sim a relatividade de tudo. É relativo burlar o imposto de renda, é relativo jogar, bater o cartão mesmo sem estar trabalhando, etc.

A preocupação na vida da igreja não é mais com o coração na presença do Pai, e sim com o colesterol, com o controle do peso e a busca pelo prazer. Este é o movimento de massa que temos no meio evangélico brasileiro.

Todo este subjetivismo forte na vida cristã resultou numa apatia quanto às verdades essenciais da Palavra de Deus. Diante desta realidade, perdeu-se o consenso espiritual. Por exemplo, casar virgem era algo que gerava segurança para todos. Esse consenso envolvia valores morais e espirituais. Temos a ausência desses parâmetros na sociedade cristã.

Hoje cada um carrega a sua própria convicção, mas ela não é mais sustentada pelo consenso social. A liberdade em Cristo para este apóstolo chamado Paulo era a de se doar, de ser eucarístico, de se entregar para um negócio chamado cruz. Ele tinha uma motivação que abalava toda a sua estrutura: Cristo.

Para Paulo, o importante era considerar sua academia, sua formação judaica, romana, sua vida intelectual, seu grande nome de doutor da lei como perda por amor ao conhecimento de Cristo. A sua autoestima era esta e ponto final.

Ele literalmente imitava a Jesus, que considerou tudo como perda para se entregar, e isso fez com que Ele se sentisse ainda mais Filho de Deus. E assim Ele derramou seu sangue a nosso favor.

A cruz traz um significado da autoestima de Paulo. Ele considera tudo como inferior diante do Reino de Deus. O que era lucro ele passou a considerar como perda, como algo inferior por amor a Cristo. Tudo o que tinha a ver com a aprovação humana ele desprezou por amor a Cristo. Alguns textos

preciosos mostram esta verdade na vida de Paulo.

“Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel”. (1 Co 4.1-2).

“Já estais fartos, já estais ricos; chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco. Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens. Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis. Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação; até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos” (1 Co 4.8-13).

“Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele. Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis” (1 Co 9.19-24).

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não

desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida. Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos, sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco. Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicandose, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus. Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Co 4.5-18).

O que você de fato considera como perda por causa de Jesus? Sua faculdade, seu emprego, sua casa, que você conquistou com tanta luta, seu intelecto, seu status profissional? O que você coloca na balança e diz: a minha autoestima é o Reino de Deus, é o amor a Jesus e ponto final! Há muitos rapazes que confiam sua vida e sua auto-estima no corpo sarado. Há muitas meninas que fazem o mesmo na beleza estética. Há muita gente de cabelo branco que confia sua vida e sua autoestima no tempo da experiência.

Paulo coloca sua autoestima na negação dele mesmo por amor a Cristo. Ele insiste na necessidade de renúncia, de negação. Neste processo ele abandona aquilo que é temporário para ganhar aquilo que é eterno. Paulo voltava seus olhos para as coisas invisíveis. Por isso ele pôde dizer que tudo que era lucro passou a ser considerado como perda, como algo inferior, por amor a Cristo.

A leitura bíblica da autoestima leva-nos a entender a realidade do nosso pecado

“... e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de

lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum

modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (vv. 9-11).

Na realidade bíblica o pecado original não pode deixar de existir. A sociedade esconde a realidade de quem nós somos. Na aliança que Deus faz conosco temos uma visão de quem Deus é e quem nós somos. Paulo tem essa visão, por isso quer ser achado em Cristo e não na sua justiça que vem da lei. Ele se baseia na justiça que vem pela fé em Cristo, aquela que vem de cima, não da terra.

Na realidade dos nossos dias o conceito de justiça humana é muito forte. Os padrões de vida são medidos pela mídia, pela visão da sociedade. A questão sexual não é mais um tabu, nem o divórcio, nem a coerência.

A igreja tinha uma âncora que dava condições para termos uma proposta séria de vida. Havia um padrão quanto à nossa conduta. Só que hoje, com a modernidade, a igreja perdeu o significado moral. Vivemos uma ilusão tecnológica, uma falsa compreensão de quem somos na verdade.

Paulo entende o que é pecado e que a justiça humana não traz segurança alguma. A justiça humana mostra que o homem é bom, que ele é suficiente. A justiça divina mostra que a nossa estrutura é má, miserável e totalmente carente do sangue remidor de Jesus. A justiça divina mostra que a nossa justiça é como trapo de imundícia.

Quando olhamos para a justiça divina, percebemos a necessidade do resgate da *imago Dei*, que nos faz ver o significado da aliança com Deus. Daí compreendemos o pecado como uma expulsão do jardim do Éden. Entendemos que ele é o desejo pela autossuficiência, pelo individualismo. Entendemos que o pecado afetou o Shalom de Deus em nossa vida⁶⁰.

Quando Paulo apela para a visão da sua autoestima na perspectiva da realidade do seu pecado como homem, ele quer voltar para a nova gramática da aliança, que é a justiça divina pela fé em Cristo.

Assim, Paulo quer conhecê-lo, quer experimentar o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos. Ele quer se conformar a Ele na sua morte para chegar à ressurreição dentre os mortos. Então não foram palavras ditas ao acaso por Paulo: “Sim, deveras considero tudo como perda, por

causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo...”.

Que a graça do Eterno seja sobre nós para que compreendamos essas verdades preciosas!

60. PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim*. São Paulo: CEP, 1998, p. 23.

C a p í t u l o 11

Buscando o prêmio da soberana vocação em Cristo (Filipenses 3.12-16)

muitos buscaram vitórias e conquistas durante as Olimpíadas de 2004. A Al-Qaeda buscou suas conquistas degolando 30 pessoas para o mundo inteiro ver.

Bush e Blair buscaram suas conquistas através de uma mentira deslavada de que havia armamentos químicos no Iraque, por isso era necessário invadi-lo. Mais de mil soldados e milhares de iraquianos morreram por causa da prepotência desses homens.

Sharom buscou suas conquistas e acabou matando o líder do Hamas e mais cinco pessoas inocentes.

Os terroristas na Rússia buscaram suas conquistas matando 331 crianças inocentes, que não tinham nada a ver com as suas brigas políticas.

Paulo Maluf buscou suas conquistas na prefeitura através da mentira de ser honesto.

Muitos lutaram por conquistas de maneira ilícita e desumana. E muitos não alcançaram absolutamente nada. Só que houve um homem chamado Paulo que alcançou, pela graça, a sua conquista espiritual.

No capítulo 3 de Filipenses Paulo dirige-se aos seus amados e saudosos irmãos em um tom de definição. Parece que ele está realmente terminando sua carta para os cristãos de Filipos⁶¹. Ele pede para eles tomarem cuidado com os cães, com os maus obreiros e com a falsa circuncisão. Em outras palavras, eram os falsos pregadores da Palavra de Deus. Daí começa a falar da circuncisão verdadeira e usa a si mesmo como exemplo. Mas Paulo diz no versículo sete que considerava toda a sua sabedoria e formação como desvantagem, como perda por amor de Cristo. Ele diz que todas as coisas foram consideradas como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, seu Senhor.

Ele sofreu a perda de todas as coisas e as considerava como refugo, como lixo. E ele diz qual era a razão: ganhar a Cristo. E ele quer fazer isso para uma vida de fé no seu Senhor, uma vida do conhecimento d'Ele, de

participação nos sofrimentos d'Ele, conformando-se a Ele na sua morte (vv. 9 e 10).

E assim ele quer chegar à ressurreição dos mortos. É exatamente neste contexto que ele afirma como quer correr em direção a Cristo (vv. 12 ss.).

Vejamos o que podemos aprender com este texto rico e profundo para a nossa vida espiritual.

Devemos seguir a perfeição em Cristo sem olhar para trás

“Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas

prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim...” (vv. 12-13). O apóstolo usa neste parágrafo a figura do atletismo para descrever sua vida cristã. Ele é um homem que tem olhos abertos para ver o mundo ao seu redor e daí tirar ricas lições espirituais. Para um atleta participar dos jogos olímpicos em Atenas era preciso primeiro ser cidadão grego. Ele não competia para ganhar a cidadania. Da mesma maneira, nós também não corremos a carreira cristã para ganhar o céu, mas porque já somos cidadãos do céu (Fp 3.20).

Talvez uma pergunta que devemos fazer é: o que Paulo não havia alcançado? Ele não havia alcançado a ressurreição dos mortos. Ele diz que não tinha recebido a plenitude desta perfeição, mas afirma com todas as palavras que estava prosseguindo para este processo pelo qual foi alcançado por Cristo Jesus.

Ele não tinha a plenitude da vida eterna porque Cristo ainda não tinha voltado, porém a sua perspectiva era essa. Por isso ele usa o verbo prosseguir. Ele foi conquistado por Jesus para ter um alvo na vida: a perfeição. A vida eterna começa aqui na Terra.

Ele queria fazer isso esquecendo-se das coisas que ficavam para trás. Ele se considerava um atleta de Cristo, que, na corrida, não volta para pegar coisas que ficaram pelo caminho: seu orgulho antes de Cristo, seu farisaísmo, suas alegrias e tristezas, suas vitórias, derrotas e seus fracassos⁶². Não fazia mais sentido lembrar todas essas coisas. O que importava para ele era dali em diante na sua jornada de servo de Cristo, conhecedor de Cristo.

Acredito que muitos podem pensar: “Pastor, eu não tenho condição alguma de caminhar com tranquilidade. Eu pequei de maneira terrível e não sou digno nem de estar aqui hoje. A minha vida espiritual foi um verdadeiro fracasso. Não li a Palavra, não orei quase nada. Não contribuí com nada. Não fiz absolutamente nada para Deus. Eu vou desistir de tudo”.

Eu quero dizer para você que há esperança nessa palavra profunda de Paulo. Ele afirma que quer conquistar porque foi conquistado por Cristo. Ele quer buscar algo que sozinho não conseguiria, mas com a graça de Deus tinha forças para isso.

No desejo profundo pela vida eterna por meio da ressurreição em Cristo Jesus Paulo quer se esquecer das lutas, das tristezas, das dores, de tudo que ele tinha e quer seguir para um propósito por amor a Cristo. Pelo conhecimento de Cristo. Para a ressurreição em Cristo Jesus.

Veja a coragem e vontade de Paulo no serviço a Cristo. Ele quer avançar porque foi conquistado por Cristo. Ele quer olhar adiante e não para o passado.

Faça isso diante de Deus. Pegue as lutas e transforme-as em experiência para hoje, para você se fortalecer na presença do Pai sem desanimar, sem achar que está derrotado. Isso não é uma mensagem de prosperidade material, emocional, mas uma mensagem de encorajamento espiritual. Uma mensagem para viver em função do Reino de Deus, da graça de Deus, das riquezas de Cristo Jesus. É por elas que Paulo queria correr, lutar, buscar.

Por que devemos seguir sem olhar para trás?

Porque temos o perdão dos pecados em Cristo Jesus. A Palavra diz que ninguém pode nos condenar porque o sangue

de Jesus nos purifica de todo o pecado. Aqui na Terra nunca alcançaremos a perfeição, por isso pecamos. Mas não devemos ficar prostrados diante dele. Ele é apenas um acidente no percurso rumo à glória de Deus.

Porque temos a promessa de que Cristo estará conosco neste processo. A Palavra diz que Jesus estaria conosco todos os dias da nossa vida. Portanto, temos forças para avançar, nos esmerar por uma vida santa, perfeita e reta na

presença do Senhor.

A nossa vocação é somente o Reino de Deus “Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Por isso todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa de outra maneira, também Deus vo-lo revelará. Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo” (vv.14-16).

Paulo termina o versículo 16 dizendo: “Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo”. Nós alcançamos a bênção da salvação, da vida eterna que começa aqui na Terra. Alcançamos a graça de sermos redimidos pelo sangue de Cristo Jesus. É exatamente este alvo do Reino de Deus que Paulo quer prosseguir e ganhar o prêmio como corredor celestial de Deus.

Agora eu pergunto: qual é o alvo da nossa vida? E você pode responder: bem, eu preciso agradar a minha esposa com um carro novo; quero comprar uma casa nova; quero concluir a minha faculdade; quero fazer um MBA; quero terminar meu curso de inglês; quero comprar uma geladeira para minha santa lá em casa; quero finalmente comprar a cama nova que minha esposa quer há dois anos; quero viajar para Paris. Então vem outra pergunta: o que sobrou como alvo no Reino de Deus? Nada. Primeiro observamos e desejamos as coisas aqui da Terra, porque somos absolutamente materiais, terrenos e voltados para o humano.

Paulo não deseja as coisas da Terra. Ele deseja Deus, deseja o Reino de Deus. A sua vocação é Cristo Jesus. Seu desejo é desenvolver sua salvação com temor e tremor (Fp 2.12). Ele quer combater o bom combate como bom soldado de Jesus completando a sua carreira e guardando a fé (2 Tm 4.7). Ele quer receber a coroa da justiça, quer os atributos de Cristo. Ele quer a salvação de Cristo Jesus, o conhecimento de Deus. Ele quer o amor de Cristo e a vocação celestial em Cristo Jesus. Não sua situação melhorada para o primeiro século, não seus projetos humanos para o primeiro século da era cristã.

Paulo quer Cristo Jesus, a sua vocação é o Reino de Deus. Paulo tem um chamado: Jesus Cristo de Nazaré. Paulo quer o alvo da vocação celestial, que no grego significa “chamada para o alto”. Ele quer morar na eternidade logo. E para isso ele não olha mais para trás, mas para o que está diante dele. O segredo é: em Cristo Jesus, expressão que Paulo usa 164 vezes em seus escritos⁶³.

Isso é tão forte em Paulo que no versículo 15 ele pede para os cristãos terem este sentimento, esta consagração na presença do Senhor. Qual é o seu alvo diante desta palavra de Paulo? É uma associação beneficente? Há disposição para investir nela? É uma viagem para cuidar de pessoas no Timor Leste ou no Peru? É a sua participação como membro ativo de uma comunidade? É a busca pelo eterno? É a oração? É o compromisso com a evangelização através da sua vida?

Dicas para não perder de vista o alvo na vida cristã

- Nunca desista de correr;
- Tenha dedicação no alvo do Reino;
- Tenha direção no alvo que é Cristo no centro do coração;
- Busque motivação na vida de santidade sempre. Os desafios são enormes e complicados, mas a graça de Deus

nos sustentará para, firmados n'Ele, buscarmos o prêmio da soberana vocação em Cristo Jesus!

61. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 43.

62. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 53.

63. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 53.

C a p í t u l o 12

Sendo imitadores de Cristo sempre

(Filipenses 3.17 - 4.1)

Quando Falamos sobre o texto de Filipenses 3.17, passamos a

responsabilidade para Cristo e dizemos: “Olhem para Cristo e não para mim”. Paulo jamais passa essa responsabilidade para Cristo. Ele afirma que é um imitador de Jesus Cristo juntamente com os outros irmãos.

James Houston afirma: “Se você não imita a Cristo, você imita a quem?”. Precisamos entender que não existe uma vida em si mesma, eu e vocês fomos criados, gerados por Deus Pai. Nós temos vontade e desejos, os nossos sonhos refletem o que mais almejamos. A nossa vida reflete os nossos anseios e desejos.

A vida é um reflexo do que eu amo, e os nossos desejos refletem o que somos. Em Filipenses 3.17 Paulo afirma que a sua identidade é a luz da *imago Dei*.

Avaliemos os que adoram os ídolos: os tais tornam-se reflexo daquilo que adoram, tornam-se semelhantes a eles. As pessoas tornam-se reflexo daquilo que adoram (Sl 115 e Rm 1). Daí surge a pergunta: se não imitamos a Cristo, imitamos a quem?

Fomos chamados pelo Pai para refletirmos a glória de seu Filho pela direção do Santo Espírito. O ícone reflete aquilo que deve ser adorado. Portanto, somos a imagem daquele que deve ser adorado.

Aqui Paulo reconhece que é comprado pelo Senhor e que a vida não é sua. Esta afirmação não é soberba; ele reconhece a quem adora e qual é o desejo maior do seu coração⁶⁴. Daí surge uma pergunta para nós: será que a nossa ambição é Cristo ou nós mesmos, o nosso status, o nosso reconhecimento?

Não se pode ter progresso verdadeiro na vida espiritual e na imitação de Cristo sem ser fiel àquilo que se crê e prega. Esta é a ideia de Paulo no contexto. Ele se apresenta como modelo de Cristo e assim se coloca como

alguém que deve ser seguido, como exemplo do evangelho verdadeiro e eficaz.

Ele se apresenta como modelo para a igreja que convive com inimigos da cruz, talvez ex-pagãos que praticavam antigos padrões cheios de egoísmo no meio da comunidade⁶⁵.

Assim, vejamos o que aprendemos com Paulo neste texto.

Deus nos chama para sermos imitadores de Cristo e exemplos vivos do evangelho O texto diz nos versículo 17: “Irmãos, sede imitadores meus e

observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós”.

Paulo abre o nosso entendimento para compreendermos melhor o que significa o imitar a Cristo. O que é imitador? Esta palavra vem do latim *imitatione* e significa ato ou efeito de imitar; reprodução ou cópia de qualquer modelo normalmente mais valioso, ou melhor; *imitare*: tomar como modelo; copiar; seguir o exemplo de.

Outros sentidos são: impressão visível, padrão. No grego tem o sentido de uma impressão deixada por uma pancada. Daí surgiu esta ideia de imagem⁶⁶. Então, que quando alguém imitava ou seguia Paulo como modelo, estava refletindo o próprio caráter de Cristo, a glória d’Ele no ser.

Paulo convida a igreja de Filipos para que siga seu exemplo como servo de Cristo, para imitar sua conduta de vida, para que o siga como verdadeiro modelo de Jesus Cristo.

Às vezes as coisas que fazemos refletem outra realidade que não seja a glória em Cristo. É exatamente aí que pecamos e acontece a idolatria. Isso nos ajuda a entender o quanto o pecado deturpa a nossa humanidade diante do Pai.

Paulo mostra-nos o quanto é necessário ser um reflexo de Cristo para impactar vidas. E precisamos ser francos e admitir que muitas vezes somos movidos a ser reflexos de nós mesmos. Gostamos de receber aplausos das pessoas. Gostamos de ser focos de glória. Gostamos do orgulho como quem gosta do mel. E nos esquecemos de que a nossa vida não é nossa, ela é o

reflexo de Cristo no mundo. Não estamos na vida para nos aparecer, mas para anunciar quem Cristo é o que Ele faz em nós.

Qual é o impedimento da glória de Cristo em nós? Será o dinheiro que tanto queremos ganhar, o envolvimento com as coisas terrenas? Será o desejo de ter mais e mais? Será a nossa esposa, esposo?

A imagem e o reflexo de Cristo criam uma dinâmica na vida de tal forma que caminhamos para a glória de Cristo e não de nós mesmos. E só teremos uma compreensão maior acerca da glória de Cristo quando compreendermos melhor a nossa necessidade de ser modelo, de ser exemplo do Reino de Cristo.

Precisamos compreender que quando não imitamos a Cristo, imitamos a nós mesmos. Daí só há vazão para a idolatria.

Olhemos para Isaías. Ele foi alguém que teve o reflexo da glória de Deus em sua vida, pois quando contemplou a majestade de Deus imediatamente reconheceu sua miséria e disse: “Ai de mim, que vou perecendo, porque eu sou homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de lábios impuros”.

O reflexo da imagem, da glória de Deus mostra para Isaías quem ele é, um homem pecador e que necessita do caráter de Deus na sua vida. Que modelo somos nós? De Cristo ou de nós mesmos?

Há uma história profunda sobre um missionário que esteve na África, David Livingstone - célebre missionário e explorador (1813-1873). Certo comerciante, ao visitar a abadia de Westminster, em Londres, onde se acham sepultados os reis e vultos eminentes da Inglaterra, inquiriu qual o túmulo, excluindo o do “soldado desconhecido”, é o mais visitado⁶⁷. O porteiro respondeu que era o de David Livingstone. São poucos os humildes e fiéis servos de Deus que o mundo distingue e honra assim.

Conta-se que em Glasgow, depois de passar dezesseis anos na África, Livingstone foi convidado a fazer um discurso perante o corpo discente da universidade. Os alunos resolveram vaiar esse “camarada missionário” fazendo o maior barulho possível. Certa testemunha do acontecimento disse: “Contudo, desde o momento em que Livingstone compareceu perante eles, magro e delgado, depois de cair trinta e uma vezes de febre nas matas da África, e com um braço descansando numa tipóia, depois do encontro com

um leão, os alunos guardaram grande silêncio. Ouviram, com o maior respeito, tudo que o orador relatou e a maneira como Jesus cumprira a sua promessa: ‘Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos’”⁶⁸.

David Livingstone nasceu na Escócia. Seu pai, Neil Livingstone, contava aos filhos as proezas de seus antepassados por oito gerações. Os pais de David criaram seus filhos no temor do Senhor.

O lar era sempre alegre e servia como notável modelo de todas as virtudes domésticas. Não se perdia uma hora durante os sete dias da semana e o domingo era esperado e honrado como o dia de descanso. Com a idade de nove anos David ganhou um Novo Testamento, prêmio oferecido ao repetir de cor o capítulo mais comprido da Bíblia, o salmo 119.

Aos vinte anos houve grande mudança espiritual em David Livingstone que determinou o rumo de todo o resto da sua vida. A bênção divina inundou-lhe o ser como inundara o coração do apóstolo Paulo ou de Agostinho e outros da mesma estirpe, dominando os desejos carnavais.

O amor que começou a comovê-lo na casa paterna continuou a inspirá-lo durante todas as longas e enfadonhas viagens pela África e o levou a ajoelhar-se, à meia-noite, no rancho em Ilala, de onde seu espírito, enquanto ainda orava, voltou ao seu Deus e Salvador.

E por fim ele chegou à África e para aprender a língua e os costumes do povo passava o tempo viajando e vivendo entre os nativos. Seu boi de sela passava a noite amarrado, enquanto ele se assentava com os africanos ao redor do fogo, ouvindo as lendas dos seus heróis. Livingstone, por sua vez, contava-lhes as preciosas e verdadeiras histórias de Belém, da Galileia e da cruz. Continuou sempre os seus estudos enquanto viajava, fazendo mapas dos rios e serras do território percorrido.

Numa carta a um amigo escreveu que descobrira trinta e duas qualidades de raízes comestíveis e quarenta e três espécies de fruteiras que davam no deserto sem serem cultivadas. De um ponto que alcançou, faltavam-lhe apenas dez dias de viagem para chegar ao grande lago Ngami, que descobriu sete anos depois.

Livingstone pregou o evangelho constantemente, às vezes a auditórios de mais de mil nativos. Antes de tudo se esforçava para ganhar a estima das tribos hostis, por onde passava, por sua conduta cristã, em grande contraste com a dos mercadores de escravos.

A sua última viagem foi feita para explorar o rio Luapula, a fim de verificar

se era a nascente do Nilo ou do Congo. Nessa região chovia incessantemente. Livingstone sofria dores atrozes; dia após dia tornava-se mais e mais difícil caminhar. Foi então carregado, pela primeira vez, pelos fiéis companheiros: Susi, Chuman e Jacó Wainwright, todos nativos⁶⁹. No seu diário, as últimas notas que escreveu dizem: “Cansadíssimo, fico... Recuperada a saúde... Estamos nas margens do Mililamo”.

Chegaram à aldeia de Chitambo, em Ilala, onde Susi fez uma cabana para ele. Nessa cabana, em 1.º de maio de 1873, Susi achou seu bondoso mestre de joelhos, ao lado da cama, morto. Orou enquanto viveu e partiu deste mundo orando!

Os dois fiéis companheiros, Susi e Chuman, enterraram o coração de Livingstone embaixo de uma árvore em Chitambo, secaram e embalsamaram o corpo e o levaram até a costa - viagem que durou alguns meses pelo território de várias tribos hostis. O sacrifício desses valentes filhos da África, sem terem qualquer propósito de remuneração, não será esquecido por Deus nem pelo mundo.

O corpo, depois de chegar a Zanzibar, foi transportado para a Inglaterra, onde foi sepultado na Abadia de Westminster, entre os monumentos dos reis e heróis daquela nação. Não havia dúvida quanto ao corpo de Livingstone, era fácil de identificar: o osso de cima do braço esquerdo tinha distintamente as marcas dos dentes do leão que o atacara. Entre os que assistiram ao enterro estavam seus filhos e o velho missionário Roberto Moffatt, pai da sua querida esposa.

A multidão consistia de povo humilde, que o amava, e dos grandes, que o honravam e respeitavam. Conta-se que havia, entre as multidões que permaneciam nas calçadas das ruas de Londres no dia em que o cortejo passava, um velho chorando amargamente. Ao lhe perguntarem por que chorava, respondeu: “É porque Davizinho e eu nascemos na mesma aldeia, cursamos o mesmo colégio e frequentamos a mesma Escola Dominical, trabalhávamos na mesma máquina de fiar. Mas Davizinho foi por aquele caminho, eu por este. Agora ele é honrado pela nação, enquanto eu sou desprezado, desconhecido e desonrado. O único futuro para mim é o enterro de bebereão”⁷⁰.

Gravadas no seu túmulo podem ser lidas estas palavras: “O coração de Livingstone jaz na África, seu corpo descansa na Inglaterra, mas sua influência continua”. Gravados para sempre na história da igreja de Cristo estão os grandes êxitos na África durante um período de mais de 75 anos

depois de sua morte, êxitos inspirados, em grande parte, pelas orações e persistência desse eminente servo de Deus, que foi fiel até a morte⁷¹.

Aqui temos um homem que imitou a Cristo, que foi modelo do evangelho de Cristo através da própria vida. Dizem que quando chegou o próximo missionário para trabalhar entre os africanos, ele disse: “Vim anunciar a Cristo”. Eles disseram: “Ele esteve aqui entre nós”. A referência é que Livingstone era a imagem de Jesus Cristo no meio daquele povo.

Precisamos ser pessoas que imitam Cristo, que são a própria imagem d’Ele no que vivemos, no que falamos e como andamos.

Paulo afirma algo sério para nós: “E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus (porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação); não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado. Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros; como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo. Para vós outros, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios, e alarga-se o nosso coração. Não tendes limites em nós; mas estais limitados em vossos próprios afetos” (2 Co 6.1-12).

Jamais podemos nos transformar em inimigos da cruz de Cristo

O texto afirma no versículo 18: “Pois muitos andam entre

nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo. O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas”.

Por incrível que pareça havia gente no meio do povo cristão que era até professo, mas a conduta era de quem não reverenciava Cristo. Era de quem envergonhava o evangelho de Cristo.

Paulo usa a palavra choro para aqueles que andavam com uma conduta errônea em meio aos cristãos fiéis. Havia corrupção tanto na vida como nos detalhes do respeito pela doutrina bíblica. Essas pessoas não respeitavam as Escrituras e sua vida era terrível. Daí o motivo de Paulo chamá-los de inimigos da cruz de Cristo.

Eram os chamados judaizantes legalistas, que negavam a expiação pelo sangue de Cristo. E assim pregavam outro evangelho.

Paulo apresenta o destino deles:

- É a perdição;
- O deus deles é o ventre;
- E a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas.

A palavra é dura, mas é dirigida a todos aqueles que só se preocupam com os prazeres da Terra, que só pensam em comer e beber, que vivem contagiados pela depravação moral que avassala o mundo; estes são identificados como inimigos da cruz de Cristo⁷².

E a advertência de Paulo para os nossos dias é que esperemos nosso Salvador não com um estilo de vida semelhante a este. Nunca podemos deixar de observar as verdades do Reino de Deus a fim de sermos exatamente o contrário daqueles que são inimigos da cruz de Cristo.

A lembrança de Paulo sobre a cruz é relevante demais. Ele disse que a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, porém é o poder de Deus para os que são salvos (1 Co 1.18). É exatamente por isso que a inimizade com a cruz não combina com aqueles que são guiados verdadeiramente por Deus. Não é possível vivermos com Cristo e ao mesmo tempo com os padrões mundanos no nosso coração.

Conheço alguém que vive com um padrão totalmente libertino e é membro de uma comunidade. Disse a ele que deve pedir a saída do rol de membresia da

comunidade. Não que deva parar de ir lá, mas disse que ele precisa acertar a vida com Deus primeiro para depois participar como membro daquela comunidade. Porque as pessoas sabem que ele é parte do grupo, mas a sua vida não condiz com aquilo que ele mostra como cristão.

Devemos nos lembrar que inimigo da cruz é todo aquele que não carrega, que não leva a cruz de Cristo a sério na vida e na conduta diária.

Paulo preocupava-se muito com a realidade da cruz na vida cristã. Ele não achou ser anomalia alguma definir seu evangelho como “a mensagem da cruz”, seu ministério como “a pregação de Cristo crucificado”, o batismo como a iniciação “da sua morte” e a Ceia do Senhor como uma proclamação da morte do Senhor. Ele ousadamente declarou que, embora a cruz parecesse loucura ou “pedra de tropeço” aos que confiam em si mesmos, era de fato a própria essência da sabedoria e do poder de Deus.

Tão convicto ele estava desse fato que havia deliberadamente decidido, como disse aos coríntios, renunciar à sabedoria do mundo e, em vez dela, a nada conhecer entre eles senão “a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.1-2).

Quando ele desejou lembrá-los do seu evangelho, que ele próprio havia recebido e entregado a eles, o qual se tornara o fundamento sobre o qual se firmavam, e as boas-novas mediante as quais estavam sendo salvos, “antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Co 15.1-5).

E quando, alguns anos mais tarde, ele desenvolveu esse esboço, transformando-o em manifesto completo do evangelho, que é a sua carta aos romanos, a ênfase que deu à cruz foi ainda maior. Pois, havendo provado que toda a humanidade é pecadora e culpada perante Deus, ele explica que o modo justo de Deus de tornar os injustos corretos consigo mesmo opera “mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Rm 3.21-25).

Consequentemente, somos “justificados pelo seu sangue” e “reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho” (Rm 5.9-10). Sem a morte sacrificial de Cristo por nós a salvação teria sido impossível⁷³.

Não é de admirar que Paulo se vangloriasse em nada mais senão na cruz (Gl 6.14).

Veja a afirmação feita por John Stott:

“Se a cruz de Cristo for alguma coisa para a mente, certamente será tudo - a realidade mais profunda e o mistério mais sublime. A pessoa chega a perceber que literalmente toda a riqueza e glória do evangelho tem aí o seu centro. A cruz é o pivô, como também o centro do pensamento do Novo Testamento. É o marco exclusivo da fé cristã, o símbolo do Cristianismo e sua estrela polar”⁷⁴.

Somos íntimos da cruz, identificamo-nos com as realidades dela e não do mundo. Por isso, a nossa vida deve ser um reflexo da cruz e não de nós mesmos. Assim, jamais seremos inimigos da cruz do nosso amado Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Como diz Glenio Fonseca: “A cruz é o fórum da restauração de nossa história com a glória de Deus”⁷⁵.

Pensem mais no Reino Celestial do que nos prazeres da Terra

“Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos

o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas. Portanto, meus irmãos, amados e mui saudosos, minha alegria e coroa, sim, amados, permaneçei, deste modo, firmes no Senhor” (Fp 3.20-21 - 4.1).

Não fomos chamados para simplesmente ficar vendo as coisas acontecerem ao nosso redor sem um propósito. A igreja de Cristo é chamada para pensar no céu, que é a ideia de pátria celestial.

Paulo mostra neste texto que a cidadania do cristão está nesta dimensão do céu. Da terra que Deus está preparando para todos aqueles que são seus, que foram tocados pela sua graça e o seguem no evangelho do Reino. Então, fomos chamados para conduzir pessoas a Cristo, para refletir a glória de Cristo através de uma vida que reflete o caráter d’Ele.

O chamado é para anunciar o Reino que um dia terá de maneira forte, presente e palpável a vinda do Senhor Jesus Cristo. Paulo dizia que corria para o prêmio da soberana vocação em Cristo Jesus. Ele dizia para os cristãos

de Colossos que buscassem as coisas do alto e não as da Terra.

Na verdade, nós buscamos muitas coisas, menos a Cristo Jesus. Lutamos para ter boa estrutura financeira, lutamos para ter uma boa família. Lutamos para ter uma boa e bonita igreja. Porém nos esquecemos de que a igreja precisa ter o reflexo da imagem de Jesus Cristo e a perspectiva da pátria celestial. Esquecemos que nós e nossa família precisamos da graça de Deus para que sejamos um espelho que reflete todos os dias a glória de Cristo até a volta d'Ele, quando nos levará para a nova terra transformada e redimida por Ele.

É interessante que Paulo fala da espera desta pátria celestial e do Salvador de maneira ansiosa. Porque um dia Ele virá e transformará nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória. Ele fará essa obra segundo a eficácia do poder que tem de até subordinar a si todas as coisas. Ele usa a mesma ideia em Romanos 8.19 quando fala da criação (natureza) que geme aguardando a sua redenção.

Assim somos nós na perspectiva do Reino Celestial, quando sairemos deste corpo de humilhação para um corpo incorruptível, sem nenhuma enfermidade, sem nenhuma mancha, sem nenhuma dor e sem qualquer efeito de pecado. Porque, como Paulo afirma, será um corpo glorificado. Por que não pensamos muito nisso? Por que vivemos somente em função do terreno e não sonhamos com este glorioso dia? Num dia estaremos livres deste corpo afetado pelo pecado. Num dia estaremos livres do peso da consciência quando erramos. Porque os efeitos do pecado na mente e na alma serão todos extirpados de nós.

Poderemos cantar o cântico ao Cordeiro sem que nenhum outro pensamento tome conta do nosso coração. Louvado seja Deus! Por isso, Paulo termina este pensamento dizendo para os seus irmãos: “Portanto, meus irmãos, amados e mui saudosos, minha alegria e coroa, sim, amados, permaneçei, deste modo, firmes no Senhor”. Era para eles viverem firmes com este pensamento da vinda. Mesmo vivendo entre o já e ainda não, ou seja, com a certeza da vinda e redenção mesmo ele não acontecendo ainda. Eles poderiam saber que já estavam com o Salvador na eternidade e no coração, embora o evento do aparecimento não tivesse acontecido.

Esta verdade é para nós hoje também. Lembro-me de um hino precioso de C.

Boberg e N. Emmerich:

“Senhor meu Deus, quando eu maravilhado Os grandes feitos vejo da tua
mão
Estrelas, mundo e trovões rolando
A proclamar teu nome na amplidão Canta minh’alma, então, a ti, Senhor:
Grandioso és tu, grandioso és tu!
Canta minh’alma, então, a ti, Senhor: Grandioso és tu, grandioso és tu!
Quando atravesso bosques e florestas Ouvindo, à brisa, pássaros cantar
Ou vejo, além, montanhas altaneiras O teu poder e glória proclamar
Quando percebo que na cruz maldita Por teu amor Jesus morreu por mim E
me livrou do jugo do pecado
Ali vertendo sangue carmesim
Quando, afinal, em resplendor e glória Jesus abrir as portas da mansão
Eu hei de estar de joelhos entre os santos Na mais humilde e vera adoração E
então cantar eternamente ali: Grandioso és tu, grandioso és tu! E então cantar
eternamente ali: Grandioso és tu, grandioso és tu!”

Finalizo deixando alguns conselhos para vivermos em função da vinda de Cristo:

Vivamos sempre com Cristo no centro da vida A vida de Paulo foi assim. Ele diz em Gálatas 4.19 que sofria dores de parto, até Cristo ser formado na vida dos gálatas. Paulo jamais buscou glória para si, jamais buscou benefício para si. Ele visava Cristo no centro de tudo e não ele. Ele visava a sua ida para Cristo, tanto que dizia que a morte era lucro.

Viver com Cristo no centro da vida é fazer como Glenio Fonseca nos apresenta quando ele trabalha a vida de Cristo como a história da nossa cruz: “A cruz onde Cristo foi pregado é a minha cruz. A cruz que eu carrego cada dia, como expressão de fé, é a sua cruz. É deste modo que trazemos sempre e por todo lugar a mortificação do Senhor Jesus como quinhão de nossa parceria. Só os mortos podem ressuscitar. Somente aqueles que já morreram podem ter nova vida”⁷⁶.

Vivamos com Cristo não de maneira estática, mas dinâmica

A ideia de céu não nos deixa parados no tempo aguardando

a chegada de Cristo. Ao contrário, faz-nos sonhar com o Reino e viver

intensamente para ele. É exatamente a ideia da corrida pelo prêmio da soberana vocação mencionada por Paulo. Estamos numa maratona da vida cristã. E viveremos lutando pela causa. Anunciando esta pátria e correndo para ela.

Vivamos na busca pela santidade por amor ao nosso Salvador

O cidadão que deseja a pátria celestial não pode viver em

função da impureza. Ser um discípulo da impureza é somente para aqueles que negam Cristo e sua cruz. Nós amamos Cristo, por isso somos convidados a uma vida de pureza e retidão. Que a graça do Senhor e Salvador Jesus seja sobre nós!

64. BARBOSA, Ricardo. VII Encontro do Projeto Timóteo, Louveira, SP, março de 2001.

65. CHAMPLIN, R. N., op. cit, p. 55.

66. Idem, ibidem.

67. BOYER, Orlando. *Heróis da fé - Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 115.

68. Idem, ibidem, p. 116.

69. Idem, p. 128.

70. Idem.

71. Idem, p. 129.

72. WEINGARTNER, Lindolfo, op. cit, p. 91.

73. STOTT, John. *A cruz...* cit., p. 15.

74. Idem, ibidem, p. 18.

75. PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *Cruz-credo...* cit., p. 47.

76. Idem, ibidem, p. 58.

C a p í t u l o 13

O segredo da felicidade na vida espiritual

(Filipenses 4.2-9)

Como podemos *v i v e r e* sermos *F e l i z e s*, completos, realizados

na vida? Só com a consciência da *imago Dei* no coração. Com a consciência de que somos seres singulares na presença do Pai. Com a consciência de que só na paz em Deus, na satisfação em Deus, na esperança e confiança em Deus. Felicidade não é uma fórmula, não é um mar de rosas, não é um destino aleatório.

O fato é que a vida não consiste de poucos grandes momentos, mas de milhares de pequenos momentos aos quais emprestamos significado profundo.

A felicidade é o desfrutar desses momentos de significado na presença do Pai. Então, quais são os segredos para darmos significado à nossa vida para que ela seja feliz?

No capítulo 4 de Filipenses, depois de falar de uma maneira mais dura no anterior, Paulo dirige-se aos seus amados e saudosos irmãos num tom mais cativante, demonstrando o bem-estar daqueles que ele tinha pastoreado⁷⁷.

Paulo diz que eles são sua alegria e coroa. Neste momento de saudação ele motiva a igreja para que permaneça firme no Senhor. E por causa de uma discórdia deseja em especial que Evódia e Síntique sintam o mesmo no Senhor.

Ele expressa a sua preocupação com o seu verdadeiro companheiro para ajudar mulheres que trabalhavam na obra. Alguns dizem que talvez fosse Lucas ou Epafrodito. E nesse texto Paulo faz uma proposta que é base da carta: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (v. 4).

Quais são os segredos para darmos significado à nossa vida para que ela seja feliz?

Coração constantemente alegre e com

moderação diante dos homens

“Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos. Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens” (vv. 4-5a). Um segredo que tem faltado para a alegria do povo cristão é a moderação, a gentileza, a graciosidade, o autocontrole. Paulo sabia que essa moderação é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo. Você quer ter uma vida feliz? Tenha moderação, não seja extremado nas suas atitudes para com as pessoas. Seja gentil, dócil, gracioso. Não busque os seus próprios direitos, e sim o bem-estar dos outros. Seja paciente diante de todos os homens, de todas as pessoas.

No meio da sociedade somos convidados para testemunhar a alegria do Senhor através do temperamento controlado com cortesia, graciosidade e amor.

Coração que tem consciência da presença da Trindade

O texto diz no versículo 5b: “Perto está o Senhor”. Este é um

aspecto que gera um temor maior de Deus na nossa caminhada com Ele. Quando temos consciência da onipresença de Deus tomamos cuidado em não desagradá-lo, pois sabemos que Ele tudo vê no nosso coração.

Para Benedito⁷⁸ crer que Deus está presente em todo o lugar significa que Deus não está presente em qualquer lugar. Ou seja, para ele, Deus escolheu o coração do homem para ali fazer morada, para ali habitar.

A Palavra diz que Deus habita em nós. Daí, concluímos que Deus está presente conosco em todo lugar, ou não está em nenhum lugar. Então, se eu não sou capaz de me encontrar com Deus no silêncio do meu quarto, no momento de minha devoção pessoal, não adianta correr atrás de Deus no agito da igreja e das reuniões, porque com certeza não encontrarei. Ou Deus está presente em todo lugar ou não estará presente em lugar nenhum. Para Benedito esta é a regra para que tenhamos estabilidade espiritual⁷⁹.

Quando tenho a certeza da presença de Deus em todo lugar, significa que eu tenho comunhão com Ele na fila do banco, no silêncio do meu quarto, no momento de lazer, no ambiente do trabalho e no momento de comunhão da

igreja. Quando excluo Deus de alguns desses lugares, encontro-me naquilo que Benedito chama de “instabilidade espiritual”. Ela se caracteriza pela nossa inquietação e incapacidade de perceber a presença de Deus em nós.

Para muitos Deus está em alguma reunião abençoada, num culto do fogo, dos milagres, da vigília poderosa, do monte da oração. Do pastor que assopra com o sopro divino. Para estes a correria é numa imaginação de que Deus está nestes lugares “santos”. Tanto que alguns dizem: “Eu vou atrás da bênção”. Estes só esquecem que há um lugar muito especial onde Deus habita, por isso não precisamos ficar correndo atrás de lugares onde Ele pode estar. Portanto, precisamos aprender que Deus está presente sempre, dentro do nosso coração.

E essa certeza faz com que tenhamos uma estabilidade espiritual muito preciosa, a ponto de querermos amá-lo mais e obedecer-lhe mais. Paulo diz que Deus está perto, Ele vê tudo, vê a nossa ação, vê o que fazemos, vê o que sentimos e pensamos.

A sua onipresença marca toda a nossa vida. O que fazemos e o que praticamos deve nos levar a refletir na palavra de Paulo: “Perto está o Senhor”.

Coração que não anda ansioso

“Não andeis ansiosos de coisa alguma” (v. 6). Esta regra é muito complicada para nós, porque vivemos influenciados pelo urgente, pelo agora. E se as questões da nossa vida não são resolvidas já, temos ansiedade no coração. O que significa ficar ansioso?

Significa ficar indevidamente preocupado. É sofrer antes do tempo. É ficar angustiado. Ansiedade é um estrangulamento. É entrar em apatia. É não acreditar que Deus está no controle da nossa vida. Infelizmente a ansiedade é ser incrédulo, porque é o fato de não entregarmos tudo de maneira confiante para Deus e descansar sempre.

Paulo recomenda esta regra para todas as coisas. É ter distância da ansiedade quanto ao namoro, ao casamento, à situação financeira, ao emprego, aos filhos, ao marido, à esposa, aos acontecimentos tristes, alegres e ponto final. Quando começamos a falar na matéria de fé, a ansiedade não pode entrar no meio.

Quando começamos a falar em ansiedade, não pode entrar no meio aquilo

que chamamos de fé. Fuja da ansiedade no seu coração, aprenda a entregar tudo para Deus. Aprenda a realidade profunda dos salmos 37 e 131.

Coração que tem a oração como base na vida espiritual

“... em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as

vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças” (v. 6b).

Sabe qual é o remédio para a ansiedade? É a oração, a súplica de ações de graças. É o fato de entregarmos o nosso coração na presença do dono absoluto da vida. Paulo ensina a rendermos graças através da oração e a suplicarmos especificamente para baixarmos a ansiedade. Oração é o meio para fugirmos de uma vida ansiosa que resulta na incredulidade.

A oração é descansarmos nas palavras profundas do nosso mestre: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt 11.27-30).

Oração é essa entrega ao Senhor que nos faz aprender d’Ele, nos faz descansar totalmente n’Ele. Faz-nos tê-lo no centro de tudo. Ela é dolorosa porque descobrimos que não queremos entregar tudo, mas depois percebemos que a ansiedade está distante de nós e então queremos ir ao Filho e depositar o nosso fardo, o nosso cansaço e receber o alívio d’Ele, a humildade e mansidão d’Ele. E daí a nossa alma terá refrigério.

Uma pessoa que ora é alguém que tem a coragem de estender os braços e se deixar conduzir por alguém que é maior, alguém que é Senhor⁸⁰.

Um coração que tem a paz do Senhor

“E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (vv. 7-8). A

divina graça de Deus para nós termos a regra da paz que gera alegria traz consequências preciosas para a vida:

- Ela excede todo o entendimento: a paz de Deus é insondável em nosso ser⁸¹. Ela não está sujeita a nenhum pensamento humano. Ela não está ligada às circunstâncias da vida. Está acima da nossa capacidade de compreensão. Está acima de todo o poder de raciocínio humano.

- Ela guardará o nosso coração e a nossa mente em Cristo Jesus: ela guarda a nossa alma. Somos guardados pelo poder pacificador do eterno Deus. A paz de Deus é a sentinela d'Ele para patrulhar e guardar o nosso homem interior.

Qual é a finalidade dessas regras expostas por Paulo?

O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco” (v. 9).

O que a igreja aprendeu de Paulo ela deveria praticar. O convite é para que tenhamos atitudes práticas na vida cristã. Todas essas regras e segredos têm um fim, ação pela graça do Pai.

Então que Deus faça isso em nós!

77. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 59.

78. BENEDITO, viveu na Itália nos anos 480 e 550 e escreveu as *Regras espirituais*. Ele foi um monge.

79. BARBOSA, Ricardo. Op. cit., p. 87.

80. NOUWEN, Henri. *Oração...* cit., p., 39.

81. CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 63.

C a p í t u l o 14

A alegria verdadeira na presença do Senhor (Filipenses 4.10-23)

Sempre buscamos na nossa vida a Felicidade. Alguns buscam

a felicidade através dos bens materiais. Outros se realizam momentaneamente com seu carro zero. A menina com o namorado rico que ela conseguiu agarrar no último final de semana. Alguns se frustram por não poderem alcançar os seus alvos. No entanto, a verdadeira felicidade não vem das riquezas, e sim das riquezas espirituais. Vem da nossa dependência total do nosso Deus. É esta a prática do apóstolo Paulo nesse texto. Para ele Deus é a única fonte de felicidade e prazer (Sl 128).

Paulo contenta-se com o que vem de Deus, com o que vem de cima, não de baixo. Qual é o segredo dessa felicidade de Paulo?

O segredo é que ela não é uma felicidade baseada nas circunstâncias da vida, não em coisas terrenas, não em coisas dos homens. A felicidade está baseada em Deus, é uma felicidade que vem de Deus, vem de dentro do coração, não das circunstâncias terrenas. Por isso, Paulo tinha a mesma perspectiva de Davi, que dizia: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança” (Sl 62.5).

Vejamos o que podemos aprender neste texto:

Devemos nos alegrar em qualquer situação Paulo está preso em Roma e está sob a guarda pretoriana (Fp 1.13). Mas o texto diz que ele está sobremaneira alegre porque aprendeu a viver contente em qualquer situação (v. 11). Ele aprendeu a se contentar na pobreza (v. 12), na humilhação e no momento da honra, aprendeu a se contentar tanto na fartura como na necessidade, na abundância como na escassez.

A alegria invadiu o ser do apóstolo Paulo porque ele sabia que as suas tristezas, necessidades e aflições não eram comparadas com a alegria que o Senhor concedia a ele. Exatamente por isso ele disse estas palavras: “... tudo posso naquele que me fortalece” (v. 13).

A graça de Cristo é suficiente para Paulo, por isso ele afirma com tanta convicção que ele pode todas as coisas no Senhor Jesus Cristo, que esteve

sempre ao seu lado, como ele mesmo afirmou⁸¹.

Em 2 Timóteo 4.17 ele diz: “Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão”.

Perceba qual é o foco de Paulo: é Cristo. Assim, ele visava uma glória verdadeira que conduz à vida, não a glória humana, que é vã e leva à morte⁸²; ele contempla uma alegria impressionante.

A felicidade que Deus dá é maior do que as dificuldades que enfrentamos em nossa vida. Elas não são maiores do que o conforto que Deus nos dá para suportarmos qualquer dificuldade que podemos passar.

Ele nos dá capacidade para nos alegrarmos n’Ele em qualquer circunstância. Quando cumprimos a vontade de Deus, aprendemos logo o caminho da felicidade.

E quais são alguns caminhos para a felicidade no Senhor?

Negar-se a si mesmo

O texto de Marcos 8.34 mostra que a vida cristã é vida de renúncia, negação de muitos prazeres que o mundo oferece que são sinônimos de felicidade.

Quando negamos a nós mesmos, aprendemos, como Paulo, a viver contente seja na tristeza ou na alegria, seja na fartura ou na necessidade, seja na tribulação ou na tranquilidade.

Viver na dependência de Deus

O texto de Filipenses 4.13 ensina-nos que não há felicidade verdadeira fora da dependência da vontade de Deus para a nossa vida. Podemos todas as coisas somente naquele que nos fortalece em tudo.

Perceba que Deus confortou o coração de Paulo quando providenciou que os filipenses fossem abrigo e consolo na sua vida quando passava por tribulações (v. 14). Na necessidade física a igreja também o acolheu (v. 15).

No seu livro *As bênçãos na aflição*, Glenio Paranaguá diz algo extremamente profundo e relevante: o vale da sombra da morte constitui-se num campo de tratamento de Deus para o nosso aperfeiçoamento espiritual⁸³. Essa afirmação é uma verdade profunda e importante para nós, pois nas horas escuras da nossa vida é que percebemos o tratamento de Deus e o quanto precisamos descansar inteiramente n’Ele. É interessante notar que as almas mais nobres e as vidas mais sublimes são exatamente as mais tentadas⁸⁴.

Só quando percebemos que somos fracos é que realmente podemos recorrer

àquele que é forte⁸⁵. Saiba que as provas, os espinhos na carne e tentações da vida não nos enfraquecem, mas apontam os nossos pontos fracos, de sorte que apelemos para a suficiência da graça e, deste modo, sejamos fortalecidos pelo Pai e aprendamos a descansar sempre n'Ele.

Ter o alvo voltado somente para o Reino de Deus O texto de Hebreus 11.13-16 evidencia que na medida em que vivemos essa realidade cristã nossos alvos tendem a mudar de direção e propósito.

Quando vivemos não em função das coisas terrenas, experimentamos uma alegria profunda no nosso ser. O dinheiro e o sucesso não fazem de nós pessoas alegres. De fato, muitas pessoas ricas e com sucesso vivem também com muita ansiedade, medo e frequentemente com bastante melancolia. Em contraste, mesmo sem dinheiro, sucesso e fama, olhando para o Reino de Deus⁸⁶ temos alegria no interior do nosso coração, pois a nossa busca, a nossa meta não é por aquilo que se esvai, que é terreno, mas por aquilo que é eterno, pela alegria que vem de cima, vem do Pai das luzes.

A alegria e o riso são provenientes do fato de se viver na presença de Deus e de confiar que não vale a pena preocupar-se com as coisas terrenas⁸⁷.

Entender que Deus tem o controle de todas as coisas Em 1 Coríntios 8.6 vemos que Deus dirige, controla todas as coisas, por isso podemos todas as coisas n'Ele. A alegria invade o nosso coração quando percebemos que o Deus de Paulo, que é o nosso Deus, supre todas as nossas necessidades em glória por Cristo Jesus (v. 19).

Não deveríamos ficar surpresos por ver o sofrimento e a dor humana à nossa volta, mas devemos ser surpreendidos pela alegria cada vez que vemos que Deus, e não o mal, tem a última palavra⁸⁸.

Na segurança em Deus é aberto o caminho para vivermos com alegria mesmo em meio aos problemas e dificuldades, pois temos o suprimento de todas as nossas necessidades em glória por Cristo Jesus. Então, não somos guiados pelas circunstâncias da nossa vida, mas pela esperança em um Deus que jamais nos abandona e cuida de nós todos os dias.

Assim, a alegria é o fruto da nossa esperança. Quando confiamos profundamente em Deus, de que Ele está conosco suprimindo todas as nossas necessidades, vivemos não em função das circunstâncias da vida, mas em função da alegria de sermos guiados, acolhidos e guardados pelo Pai.

Então não vivemos ansiosos por qualquer coisa, e as nossas petições são

sempre conhecidas diante de Deus. Temos consciência de que perto está o Senhor. Passamos a entender com alegria no coração que o Deus de paz é conosco todos os dias da nossa vida e que Ele guarda o nosso coração e a nossa mente em Cristo Jesus.

A alegria é fundamental à vida espiritual. Seja o que for que pensemos ou digamos para Deus, se não possuímos alegria no coração, os nossos pensamentos e palavras não podem produzir frutos.

A alegria é a experiência de sabermos que somos amados de Deus incondicionalmente e que nada - doença, fracassos, quebras emocionais, opressão, guerras ou mesmo a morte - pode nos privar desse amor⁸⁹.

A alegria leva-nos para a total dependência e reconhecimento de que Deus está ao nosso lado protegendo-nos, amando-nos, sustentando-nos, guardando-nos todos os dias da nossa vida. É exatamente por isso que, mesmo estando preso, Paulo pôde repetir nesta carta a palavra alegria por treze vezes.

Encerro esta reflexão usando o texto de Filipenses 4.4 para que a alegria seja o nosso foco para o crescimento diante de Deus: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos”.

Que a graça do Senhor caia sobre nós, em nome de Jesus, a nossa alegria total!

81. HENDRIKSEN, William. *Comentário no livro de Filipenses*. São Paulo: CEP, 1992, p. 265.

82. NOUWEN, Henri. *Oração...* cit., p. 116.

83. PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *As bênçãos na aflição*. Londrina: Ide, 2002, p. 31.

84. Idem, *ibidem*, p. 37.

85. Idem, p. 39.

86. NOUWEN, Henri. *Mosaicos do presente - Vida no Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 116.

87. Idem, *O caminho para o amanhecer*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 26.

88. Idem, *ibidem*, p. 27.

89. Idem, p. 22.

Referências Bibliográficas

- BABAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Filipenses*. São Paulo: Loyola, 1991. vol. 5.
- BARBOSA, Ricardo. *Janelas para a vida*. Curitiba: Encontro, 1999.
- BOYER, Orlando S. *Heróis da fé - Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CHAMPLIN, R. N. *Comentário de Filipenses*. São Paulo: Candeia, 1995. vol. 5.
- CRABB, Larry. *Sonhos despedaçados*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Seguir a Jesus: o mais fascinante projeto de vida*. Rio de Janeiro: Vinde, 1990.
- GEORGE, Jim. *Um homem segundo o coração de Deus*. São Paulo: United Press, 2005.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário no livro de Filipenses*. São Paulo: CEP, 1992.
- HOUSTON, James. *A fome da alma*. São Paulo: Abba Press, 1999.
- KEMPIS, Tomas de. *A imitação de Cristo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KIVITZ, Ed René. *Vivendo com propósitos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- LUCADO, Max. *Aliviando a bagagem*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- NICHOLSON, Michael. *Mahatma Gandhi*. Rio de Janeiro: Globo, 1990.
- NOUWEN, Henri. *Fontes de vida*. São Paulo: Vozes, 1996. _____.
- Espaço para Deus - Um convite para a vida espiritual*. Americana: Christopher Walker, 1984.
- _____. *Mosaicos do presente - Vida no Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. *Oração - Como é e como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *O caminho para o amanhecer*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- _____. *Transforma meu pranto em dança*. São Paulo: Textus, 2002.
- PALAU, Luís. *Deus é essencial*. São Paulo: United Press, 2001.
- PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *Cruz-credo! O credo da cruz*. Londrina: Ide, 2001.
- _____. *As bênçãos na aflição*. Londrina: Ide, 2002.
- PETERSON, Eugene. *Transpondo muralhas*. Rio de Janeiro: Danprewan, 2003.

PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim*. São Paulo: CEP, 1998.

RABEY, Lois & Steve. *Lado a lado - um manual de discipulado*. Rio de Janeiro: Textus, 2004.

SCHAEFFER, Francis A. *Como viveremos. Uma análise das características principais de nossa época em busca de soluções para os problemas desta virada de milênio*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

_____. *A missão da igreja no mundo de hoje*. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1983.

SHEDD, Russel. *Alegrai-vos no Senhor*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

STOTT, John. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU, 1992. STOTT, John. *Contracultura cristã. A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1981.

Referências Bibliográficas 133

_____. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida, 2005. TORNIER, Paul. *Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. São Paulo: ABU.

VANIER, Jean. *O despertar do ser*. Campinas: Verus, 2002.

WEINGARTNER, Lindolfo. *Em diálogo com a Bíblia*. Curitiba: Encontro, 1992.

YANCEY, Philip. *Alma sobrevivente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.



**Editora Fôlego Caixa Postal 16.610 CEP
03149-970 - São Paulo - SP**

**Caso queira conhecer outros lançamentos
da Editora Fôlego, visite nosso site:**

www.editorafolego.com.br